

Transcrição de entrevista ao Sr. Bruno Melo

Presidente da Associação Ocean Spirit

Campeão Nacional de Waveski e Kayaksurf

7 de Outubro de 2009 (17h30m)

Gulliver (Ponte de Rol)

Entrevistador – Podemos-nos referir ao litoral do concelho de Torres Vedras como um destino de desportos de ondas?

Sr. Bruno Melo – Temos que ver Santa Cruz de duas maneiras: O Inverno e o Verão. Não tem nada a ver uma coisa com outra. Santa Cruz não tem um potencial de Inverno como tem Peniche. Porque? Santa Cruz de Inverno é uma praia agreste. Poucos são os dias em que se consegue entrar para fazer surf. Sabes que o mar não tem canal, não tem características como tem Ericeira ou em Peniche. Contudo em contrapartida, chega à Primavera e temos condições brutais porque o *swell* baixa. Na Europa toda o *swell* baixa e consegue a costa Oeste ter uma consistência de *swell* que mais lado nenhum da Europa tem. É por isso que, por exemplo, o Ocean Spirit acontece no Verão e nunca poderia acontecer no Inverno. Era impensável, iria ter um mar impossível... E é a grande vantagem que temos. Não é um mar com condições de ondas perfeitas como é na Ericeira, porque os fundos são de areia, mas temos uma polivalência desportiva. Na Ericeira não se pode fazer kitesurf. Não temos areia sequer. É uma praia muito limitada. Para skimmy também não dá. É uma praia onde se faz surf e bodyboard. Agora realmente para skimmy e kitesurf, não tem essas características. Já Peniche tem, é uma praia polivalente também. Eu acho que o kitesurf pode ser a modalidade em que Santa Cruz pode ser mais destacável. Porque temos um vento muito certo, muito constante. Nos últimos anos não tem aparecido, felizmente para os banhistas, infelizmente para nós. Mas no geral, é um local onde o vento nasce em Peniche e vem por aí fora a acelerar e depois perde novamente força depois do Guincho. E nós temos muita areia. Santa Cruz tem a vantagem de ter um areal grande. Isso é o que eu vejo em relação ao potencial de Santa Cruz.

Entrevistador – Mas neste momento, pode-se dizer que há gente a procurar Santa Cruz?

Sr. Bruno Melo – Eu acho que há uma diferença grande entre antes e depois do Ocean Spirit. Em termos desportivos. É assim, o objectivo do Ocean Spirit foi trazer Santa Cruz para o mapa. Em Santa Cruz acontecia o quê? Eu muitas vezes definia Santa Cruz assim... o desporto tem-me levado a viajar pelo menos para onde há vento e onde há ondas. E quando me perguntavam: então tu moras onde? Eu era obrigado a dizer que morava entre Ericeira e Peniche. Felizmente agora não. Com o Ocean Spirit, a malta sabe que Santa Cruz é Santa Cruz e que Peniche está a Norte e Ericeira está a Sul. Portanto em três anos, conseguiu-se inverter...

Entrevistador - E o Ocean Spirit foi a grande mudança...

Sr. Bruno Melo – Claro. A malta aqui não se apercebe disso mas realmente o Ocean Spirit percorre em termos de competições, em termos de chegar a todo o lado do mundo, temos o mundial de kitesurf onde vem pessoal da Austrália, da Nova Zelândia, etc, que conhecem Santa Cruz. Tivemos 170 participantes do Mundo todo, Japoneses, Coreanos. Nos roteiros do surf, vêm a Ericeira, Peniche, Viana do Castelo, Carrapateira... e Santa Cruz não aparece. Agora conheceram Santa Cruz. Eu já noto que nos últimos anos, já se vê de Inverno, aparecer pessoal do kite e kayak. Muitas vezes não entram porque o mar não permite, mas vêm cá primeiro ver o que é que se passa. Isso é uma mais valia que nós temos neste momento. Santa Cruz ficou no mapa desses desportos.

Entrevistador – Já agora, como sabes há algumas críticas ao Ocean Spirit no que diz respeito à marcação da data. Gostavam que fosse numa época menos alta para a hotelaria. Como respondes a isto?

Sr. Bruno Melo – O Ocean Spirit, infelizmente ainda não é auto-sustentável. É um projecto que vai no terceiro ano. É um projecto que ainda não é autónomo financeiramente. Este ano já ficou ela por ela. O ano passado tivemos um prejuízo enorme. E o que é que acontece? Nós temos de ter pessoas no evento. Uma das partes que alimenta o Ocean Spirit, para ele não se extinguir, é a noite. Para isso temos de marcar em Agosto. Em Julho é uma data apetecível e até para nós mais fácil de organizar a logística toda. Mas economicamente não tem futuro. E até realmente o evento ganhar nome e podermos atirá-lo para Maio, Junho ou Setembro, porque também não podemos jogar fora dessas datas, tem de ser assim. O evento relativamente à parte do festival de música, em termos nacionais não é assim tão conhecido. Toda a gente sabe o que é o Sudoeste, um Vilar de Mouros... e em termos de *sponsors* isso é claro. Nós como este ano tivemos uma noite mais assumida, os *sponsors* já aparecem, e quando não temos ninguém quer saber. O *surf* ainda talvez, agora o *kite* não é conhecido, o *kaiak*... os *sponsors* não aparecem. Quando são eventos de massas, eles estão logo aí. Por isso é que eu digo que temos de nos prostituir um bocadinho, entre aspas, e por isso o *Ocean Spirit* não pode sair dessas datas. Eu percebo a hotelaria porque supostamente estão cheios, e a restauração igual. Só que temos este problema, tanto mais que o evento tem muitos investimentos privados (dos organizadores). Esta não é certamente a melhor data em termos desportivos, mas nos próximos anos não sairá muito destas datas.

Entrevistador – Além do Ocean Spirit, o que falta mais ao litoral de Torres Vedras para cativar mais praticantes de desportos de ondas?

Sr. Bruno Melo – Uma *webcam*. É uma coisa que já há em todo o lado e é super simples. Qualquer concessionário pode ter. Porque é assim: quem está em Lisboa, se puder ver que estão boas ondas aqui, não vai procurar sítios com muito *crowd* e vem para aqui. Por exemplo, eu estou aqui no trabalho, para ver como está o mar tenho de ir à *webcam* de Peniche ou da Ericeira, para ver o que é que se está a passar. Quem dinamiza estas iniciativas são essencialmente os privados, mas o sector público também pode fazer estas coisas e muito mais facilmente. Todos temos interesse em que as pessoas venham para cá.

Entrevistador – E mais...

Sr. Bruno Melo – Os estacionamento são fundamentais. O alojamento é o tendão de Aquiles de Santa Cruz. Nós no *Ocean Spirit* percebemos isso. Temos que andar a instalar pessoas em Torres porque a hotelaria é muito curta. Eu acho que Santa Cruz tem de viver mais de Inverno. Porque se o Inverno não tiver mais força, quem é que vai estar a investir em grandes hotelarias para ter clientes só durante dois meses? Eu acho que o truque está em projectos como o Navio, como o Bronzear, que fazem com que as pessoas de Inverno venham mais a Santa Cruz. Ou seja, é necessária mais animação. Sem isso Santa Cruz é uma terra deserta. Ontem acabou o Festival da Sapateira, já se notava Santa Cruz deserta. E Peniche realmente consegue manter o turismo de Inverno. E agora com os *surfcamps*, mais ainda. E nós não estamos a conseguir manter isso.

Entrevistador – Achas que os *surfcamps* eram um bom investimento em Santa Cruz?

Sr. Bruno Melo – Acho que sim. Mas tinham de conseguir deslocar as pessoas para outros lados. Por exemplo de Inverno, quando não há condições em Santa Cruz, só em Peniche é que se pode fazer *surf*.

Entrevistador – Dentro do litoral todo, quais são as praias que escolherias para desenvolver infraestruturas de apoio aos desportos de ondas?

Sr. Bruno Melo – A Praia Azul. Por causa da beleza natural, do estacionamento. Tens picos de rocha, tens picos de areia. Tens um beachbreak constante no centro da praia. O vento entra bem, dá par o *kite*. Podia muito bem ser aproveitada a foz porque o rio está muito menos poluído, mesmo para a prática de kayak de águas planas. Com vontade, podia-se fazer ali uma entrada do mar que já dava para fazer ali uma coisa muito engraçada.

Entrevistador – Passando para outras modalidades, e para a restante área do concelho de Torres Vedras, quais são aquelas que poderiam ser mais desenvolvidas?

Sr. Bruno Melo – O parapente, que é uma coisa que se faz bastante cá no concelho. Temos o aeromodelismo. Temos também boas áreas para o BTT que já se pratica muito. Agora acho que a referência seria também o parapente. Temos boas encostas, nas arribas no seixo, na serra do socorro, nas encostas à saída de Torres para Lisboa. Agora há o problema de um ou dois moinhos que foram postos no sítio errado, e que estragaram logo tudo... Era uma coisa gira, porque quem entrava no concelho de Torres pela auto-estrada via ali sempre animação que agora está impossibilitada pela construção dos moinhos.

Entrevistador – Qual achas que deverá ser o papel da Câmara Municipal no desenvolvimento destas modalidades?

Sr. Bruno Melo – Há uma coisa que deve ser feita urgentemente que é o cálculo do impacto económico que estas actividades têm na Região. Por exemplo no caso do *Ocean Spirit*, o impacto que tem, não contabilizamos mas sabemos de *feedbacks* da hotelaria e da restauração. Mas há-de haver muitas mais situações como o Grande Prémio do ciclismo, etc, em que esse estudo devia ser feito. É muito mais fácil para nós como investidores ou como associação, termos esses dados e conseguirmos realmente dar a volta aos nossos *sponsors* do que irmos sem nada. A Câmara publicamente e politicamente também se defendia porque sabendo que traz riqueza para a região... neste momento ninguém desconfia a riqueza que traz. E isso era um trabalho que deveria ser feito com urgência. A

Câmara não pode de maneira nenhuma ter um papel passivo. Tem que realmente puxar por isto. E acho que o futuro do nosso país tem muito a ver com o turismo. Como os marroquinos estão a fazer. Os marroquinos viraram o país ao contrário. E nós também temos esse potencial. E estamos a deixá-lo passar um bocadinho ao lado.

Entrevistador – Está prevista a implementação de um Parque Aventura em Santa Cruz. Qual a tua opinião sobre este projecto?

Sr. Bruno Melo – Excelente. Vem trazer vida no Inverno para Santa Cruz. Porque há muitas empresas que podem ao fim de semana combinar aqueles *meetings* e trazer mais gente para a hotelaria, para a restauração. Porque realmente há já alguma oferta em termos de restauração mas vêem-se os restaurantes vazios durante o Inverno.

**Transcrição da entrevista ao Dr. Carlos Miguel
Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras**

**8 de Maio de 2009, 9h
Câmara Municipal de Torres Vedras**

Entrevistador – Podemos-nos referir a Torres Vedras como um destino posicionado no mercado? Ou seja, Torres Vedras é procurado por quê, por quem? Pode-se falar em Torres Vedras como um destino propriamente dito?

Dr. Carlos Miguel – (pausa 5 sec) Acho que um destino como o conceito clássico, destino turístico, julgo que não. De qualquer das formas há aqui duas ou três coisas que convém a gente referir. Embora o conceito de turismo, tecnicamente esteja muito bem definido, o que é, o que cabe e o que não cabe, para uma autarquia esse conceito, é um conceito muito mais alargado, muito mais lato. E por isso para uma autarquia como Torres Vedras que tem um segmento de segunda habitação, de habitação de férias, com muita força, embora isso em termos técnicos não seja classificado turismo, para nós isso acaba por ter muita influência positiva e negativa, muito idêntica ao turismo, (pausa curta) com problemas muito específicos e que são uma carga muito grande para um concelho como Torres. E por isso, não sendo nós, aos dias de hoje, ainda um destino turístico (ênfase), na acepção internacional do termo (pausa)...

Entrevistador – Em termos de hotelaria...

Dr. Carlos Miguel – Em termos de hotelaria e em termos de pacote que se vende e em que as pessoas vêm para usufruir desse pacote, o que é certo é que a nossa costa, essencialmente a nossa costa, acaba por ser um destino turístico interno. Ou seja, nós temos aqui uma mobilidade muito grande, de gente de outros distritos, nomeadamente de zonas ali de Santarém e etc., que anualmente escolhem a nossa costa para virem. Muitos deles começam por ter uma tenda no parque de campismo e acabam por ter um andar, um apartamento em Santa Cruz. E essa (indecisão), é uma mais valia para o território e por outro lado também uma preocupação para nós, porque obriga-nos a ter infra-estruturas, dimensionadas para o mês de Agosto e depois super-dimensionadas para os restantes meses. Se tivéssemos isto em consideração, Torres Vedras já é há muito um destino turístico em termos de turismo interno. Torres Vedras começa a ter (pausa), muito embora neste momento tenhamos um período de suspensão de actividade, mas começa a ter oferta e começa a ter (pausa), digamos, começa a ter diversidade para captar turistas. Começa a ter, ou começou a ter uma realidade diferente, quando passámos a ter um GolfMar (hotel) renovado e com uma outra dinâmica que não tinha e que depois se consubstancializa no Campo Real (Westin) com o primeiro cinco estrelas do concelho, seguindo da região, com a dimensão que tem, com a envolvimento que tem e com os planos expansionistas que tem, de aumento de oferta. Agora, não é... (pausa), com estas unidades começámos a ver um percurso distinto daquele que existia. Aquilo que tínhamos até aqui eram hotéis de três estrelas e muito reduzidos e não (pausa / hesitação)...

Entrevistador – Não davam resposta...

Dr. Carlos Miguel – Não davam resposta... eles se calhar davam resposta ao turismo que havia, mas não tinham capacidade de resposta para qualquer tipo de voo que se pretendia. A recessão económica e o facto de o nosso mercado, o mercado português, a nível global, é um mercado dirigido ou essencialmente dirigido ao mercado inglês, irlandês, e com a crise que se vive na Irlanda... levou a que esses investimentos, não tendo desistido, estão à espera de melhores dias. E por isso há aqui... não é uma marcha atrás, mas é um ponto morto, à espera de novas oportunidades.

Entrevistador – Só um à parte... o Hotel GolfMar tem investimentos estrangeiros?

Dr. Carlos Miguel – O Hotel GolfMar, a dada altura, foi comprado, há sete, oito anos, foi comprado pelo grupo BES. O Grupo Bes começou a dar-lhe uma volta. Uma volta que não foi tão grande, ou não está a ser tão grande como nós julgávamos.

Entrevistador – Tinha um planeamento para um campo de 18 buracos, não era?

Dr. Carlos Miguel – Tem tido muitas dificuldades no licenciamento naquilo que pretendem fazer, e por isso as coisas estão a demorar muito tempo...

Entrevistador – Tem a ver com o POOC?

Dr. Carlos Miguel – Tem a ver com os POOC's, a Rede Natura e mais, tem tudo... e agora, ainda ontem tive aí uma reunião dura com o secretário de estado... porque tem tudo e se calhar vai ter ainda mais uma coisa...

Entrevistador – Mais?

Dr. Carlos Miguel – É o toque final... é a machadada. Vamos lá ver como é que a gente consegue resolver aquilo. Mas o BES foi este Verão, passou para as mãos de um grupo suíço. Um grupo suíço do qual o BES faz parte. Uma cadeia de hotéis Suíça onde o BES tem uma quota, por isso o BES não saiu, o BES está lá mas está com outros parceiros. Isto não tem a ver só com o hotel, tem a ver com as termas, tem a ver com outras coisas. São segmentos que cada vez são mais importantes. E entramos já aqui numa outra parte da conversa mas que é importante. É que um concelho como o de Torres Vedras tem a capacidade e a possibilidade de responder a diversos segmentos e julgo que isso seria a nossa grande vantagem. Devido à nossa dimensão... à nossa dimensão enquanto território: somos o maior concelho do distrito de Lisboa com 400 km²...

Entrevistador – 407...

Dr. Carlos Miguel – 407 (sorriso). O facto de termos 20km de costa, o facto de termos um interior (pausa), digamos, um interior muito cuidado, muito preservado em termos de paisagem...

Entrevistador – Ainda rural...

Dr. Carlos Miguel – E em termos de construção rural característica da zona. O facto de termos uma valência histórica, digamos, não sendo monumental (ênfase), é muito requintada e vasta... e muito importante.

Entrevistador – Mesmo em termos culturais...

Dr. Carlos Miguel – A gente efectivamente pode, e temos condições para responder a diversos segmentos, e para termos qualidade naquilo que oferecemos em múltiplos segmentos. Eu até costumo dizer, até para ir buscar uma coisa que está muito na moda que é o golfe... acho que o golfe é importante. É importante para o país e por isso será importante também para Torres Vedras. Torres Vedras não tem necessidade de ter o golfe como a sua (pausa)

Entrevistador – Bandeira?

Dr. Carlos Miguel – Sua bandeira, como a sua âncora e com essa exclusividade. Enquanto que em concelhos aqui vizinhos, o golfe será oferta praticamente única nos mesmos, em Torres temos necessidade que isso não seja. Ou seja, não temos necessidade de termos o golfe para ofuscar. E também sei... visitei os maiores empreendimentos turísticos no sul de Espanha e fiquei muito sensibilizado para a importância do golfe no turismo a nível internacional.

Entrevistador – Tem uma grande capacidade de atracção...

Dr. Carlos Miguel – E surpreendeu-me... e tive oportunidade de falar com os administradores dos maiores e melhores investimentos de todo o sul de Espanha, e estamos a falar de empreendimentos com o mar ali ao pé, à vista, e em que o mar tem uma influência de atractibilidade de 5%. 95%, a malta vem é para o golfe. Não vem por causa da água, de ser quente nem fria, ser calma, ser assim, ser assado. A malta vem para o golfe e o resto é secundário. E por isso efectivamente tem uma importância fundamental. Mas para que possamos ter essa clientela do golfe, que é uma clientela muito importante, e.... se ela hoje arrefeceu por causa dos mercados inglês e irlandês nós no mercado nórdico há um mundo por explorar que nós ainda não chegámos lá, ou ainda chegámos muito pouco. Os espanhóis estão lá metidos com milhares de gajos com um poder de compra louco e viciados em compras. E por isso era importante lá chegarmos. Mas para lá chegarmos nós temos de ter aqui uma oferta no mínimo de 5 ou 6 campos. Se não tivermos cinco, seis campos de golfe nunca conseguimos lá chegar. Um fulano que vem para um pacote de oito dias não vai estar a jogar oito dias no mesmo campo e por isso precisa que ali perto, ali junto no mesmo espaço para onde ele vem possa ter cinco campos. Por isso, para remeter a outra parte que tu ias perguntar, o golfe para Torres Vedras é importante é, mas tem que ser com conta e medida. Não pretendemos que essa oferta seja uma oferta exclusiva. Nós neste momento temos um campo e meio. A curto prazo vamos ter um campo e meio com mais meio: o Campo Real vai ter mais nove buracos... Era importante, se pudéssemos no futuro, se tivéssemos mais três campos.... Sendo certo que Torres Vedras não é uma ilha.

Por isso podemos sempre perfeitamente jogar com os campos que estão mais a sul ou a norte, nomeadamente em Óbidos, outro está em Rio Maior, ou mesmo o que está em Lisboa. São circuitos que ainda se consomem em 40 minutos.

Entrevistador – No PDM vem indicada qualquer coisa acerca de um campo municipal. Isso está de pé?

Dr. Carlos Miguel – Não está de pé nem está caída. Havia essa intenção de ter um campo municipal de nove buracos.

Entrevistador – De escola e iniciação...

Dr. Carlos Miguel – Não sendo crítico à ideia, acha que a ideia é uma boa ideia, tenho algumas reservas à sua execução. E por um motivo muito simples: em tudo aquilo que os privados possam fazer, o público não tem a necessidade de lá chegar. Se nós tivermos privados que tenham os golfe, não vejo necessidade de a câmara municipal ter um golfe. Mais a mais um golfe de nove buracos. Talvez seja muito mais vantajoso... Ahhh e a formação? As escolas? Certo, a formação e as escolas são importantes e o golfe, tirando esta carga elitista que é algo que deve certamente ser desmontada, é algo que a câmara pode prosseguir o interesse público, trabalhando e protocolando com os golfe existentes, sem necessidade de ter um campo que é limitado que é de nove buracos só pelo facto de dizer nós, Câmara Municipal de Torres Vedras temos um campo de golfe municipal que será o primeiro, será o segundo... Pessoalmente, não vejo grande necessidade de um investimento dessa ordem. Agora que haja a necessidade, e que há necessidade de efectivamente o concelho poder vir a ser dotado de mais dois, de mais três campos de golfe, acho que seria... útil, seria estratégico. E nisto tudo os privados têm importância capital.

Entrevistador – Ou seja, Torres Vedras atendendo à nossa conversa, terá qualidade para ter uma oferta no sector do golfe, dependendo desses investimentos, tem o Sol e Mar na nossa costa, continua a ser uma grande bandeira, sendo que o turismo é residencial de segunda habitação. E as termas? Nós temos cá dois pontos de águas termais. Como é que estamos nessa área? Os Cucos estão parados, o Vimeiro está a trabalhar embora não veja grande projecção. É verdade, ou não?

Dr. Carlos Miguel – É. E vamos cair naquilo que estávamos a dizer ao princípio. Torres Vedras não se devendo especializar em nada, acaba por ter respostas de qualidade para diversos segmentos. Já tivemos a falar no turismo residencial. Já tivemos a falar na hotelaria... e há projectos de expansão na hotelaria, para novos hotéis, assim a crise seja ultrapassada. O Sol e Mar é evidente com os 20km de costa... e mesmo hoje com alguma densidade ou com alguma massificação, em Santa Cruz é fácil estender uma toalha no areal sem ter vizinhos ao lado, mesmo no centro de Santa Cruz. É fácil mesmo no mês de Agosto. Infelizmente para quem tem lá a sua vida negocial etc, cada vez mais os portugueses fazem férias em Agosto e só em Agosto, o que cria aqui uma grande instabilidade. (pausa) Há vinte anos atrás a época balnear era Junho, Agosto e Setembro. O Agosto sempre foi mais forte, mas em Julho havia bastante frequência, em Setembro havia

bastante frequência. Hoje em dia devido às escolas, devido ao encerramento das empresas, devido a uma série de factores, praticamente que o mês de férias se reduziu ao mês de Agosto. Por isso tem grandes densidades no mês de Agosto. Mas mesmo assim, nós temos areais excelentes, e ainda hoje conseguimos ter praias virgens, ou praticamente virgens com muito poucas pessoas. Pronto, ... esses são sectores... , as termas será também um outro sector. Será e por que é que digo será? Temos umas termas que estão encerradas, que são fabulosas, as termas dos Cucos. Fabulosas pelo enquadramento (pausa)

Entrevistador – Pela envolvência...

Dr. Carlos Miguel – Pela envolvência... Fabulosas pelas suas potencialidades. Dizem os especialistas que é das poucas na Europa com as características que têm. (pausa) Elas são propriedade privada... Com a experiência que tenho no cargo que ocupo tem havido N pessoas interessadas. Nunca chegaram a um entendimento quanto à aquisição. Julgo eu que será por culpas recíprocas. Culpas entre aspas... Culpas por um lado porque a família efectivamente, os proprietários são livres de pedir o dinheiro que entendem pela propriedade, mas pela experiência que eu tenho, acabam por pedir um valor que é fora do mercado. Muito acima do valor potencial que aquele território tem. Por outro lado, que tem aparecido mostrando vontade de comprar aquele território, tem sido sempre gente que tem olhado mais para o imobiliário do que para as termas. Ou seja, o negócio das termas, para essas pessoas, posso estar a ser injusto nesta posição mas é a posição que eu tenho, é que as termas era o preço a pagar para fazerem o imobiliário. E daí que nunca se tenha chegado a um entendimento com a família na sua aquisição. E também nunca senti que houvesse alguém que olhasse essencialmente para o negócio termas em que o imobiliário pudesse ser um acréscimo ou uma mais valia. Estou convencido que há sempre cliente para um produto seja que produto for. Mais cedo ou mais tarde, o cliente vai aparecer e aquilo vai avançar. A realidade das termas da Maceira é uma realidade totalmente distinta. O balneário pertence ao grupo BES, agora ao grupo suíço do qual o BES faz parte. Eles estão com um problema grave e que espelha a realidade do nosso país. Aquele balneário termal é velhinho... vou aqui lançar uma data, pela sua arquitectura é capaz de ser uma construção dos anos 40. Está em cima do rio, são umas termas, por isso está em Reserva Ecológica, em leito de cheia, está em tudo também. Acontece que aquele balneário não tem condições ... técnicas Face às exigências higiénico-sanitárias hoje existentes, para continuar a actividade. E há alguns anos, já eu estava aqui na câmara, há uns quatro anos, ou cinco, que o estado tem pressionado ... pressionado não, tem feito ultimatums aos proprietários no sentido de remodelarem tudo aquilo. E os proprietários querem remodelar. A remodelação implica uma ampliação, que é preciso mais espaços para fazer o mesmo tipo de actividade. As casas de banho de há 40 anos não são como as de hoje, os balneários que eram há 40 anos não são como os de hoje ... em termos de exigências técnicas. Por isso estamos a falar num acréscimo aqueles edifícios que lá existem. Acontece que até ao dia de hoje, os operadores ainda não conseguiram, e pretendem-no fazer, ainda não conseguiram por parte das entidades do governo, centrais, não as camarárias, ainda não conseguiram o licenciamento para fazerem aquelas obras.

Entrevistador – Atendendo aquela legislação toda...

Dr. Carlos Miguel – Por causa das REN's e dos leitos de cheias e dessa trapalhada toda. São situações distintas: um não anda porque não querem que ande. O outro também... ... ou seja, um não anda porque os proprietários não querem, ou não estão interessados em abrir, ou não estão interessados em vender e andar. Na Maceira, efectivamente não anda por há uma série de obstáculos administrativos, burocráticos que impedem...

Entrevistador – Apesar da vontade dos administradores...

Dr. Carlos Miguel – Apesar da vontade ... e posso dizer que ainda há quinze dias atrás na reunião de Câmara, foi aprovado um projecto de remodelação do hotel das termas. Por isso, o grupo está interessado em avançar e ter aquilo. São razões diferentes, agora... ambas são importantes para este nicho de mercado que é um nicho cada vez é um nicho mais gordo ... no sentido de ter mais gente.

Entrevistador – Já não tem a ver só com o tratamento mas também com a manutenção da condição física ...

Dr. Carlos Miguel – E pela envolvimento que ali se encontra.

Entrevistador Serra – Animação turística. Em termos de complementaridade da oferta no concelho temos no Verão a “Onda de Verão” que dá resposta ao pico da procura. E no resto no ano estamos bem servidos... precisamos de mais?

Dr. Carlos Miguel – Precisamos é de espectadores (risos)...

Entrevistador – Pois (risos) mas para haver espectadores tem de haver qualquer coisa para eles verem!!

Dr. Carlos Miguel – Vamos lá a ver (pausa prolongada). Aquilo que os hotéis não. Aquilo que... Por exemplo, aquilo que o Campo Real nos pede a nós, efectivamente o apoio que eles nos pedem, é em termos de ocupação ou possibilidades de ocupação daqueles que fazem ali uma estada. E nós temos tido, digamos, esse cuidado. Esse cuidado verifica-se tanto ao nível do turismo cultural, e temos resposta para isso, tanto ao nível da pessoa que vem e tem curiosidade em saber o que é que são as Linhas de Torres. E os operadores turísticos através do telefone para o museu conseguem ter acompanhamento personalizado para esse grupo. E isso é uma constante. Ainda ontem tinha aqui um grupo de militares a pedir para o dia X visitarem as Linhas de Torres e terem alguém que os acompanhe. Alguém ... técnico credenciado, e isso é um serviço que nós disponibilizamos, mas de qualquer forma sendo essa uma preocupação nossa no sentido de podermos dotar o concelho de uma rede museológica, que seja uma rede diferente. Que seja uma rede que nasça das nossas coisas. Não se pretende inventar coisas. Ou seja, pretendemos realçar, alindar aquilo que nos caracteriza, mas criarmos diversos pólos que possam interessar e cativar quem cá mora, primeiro que tudo, mas também quem aqui se desloca. E por isso temos aqui um serviço permanente activo e estruturado em que os operadores sabem que contam sempre com ele. Se hoje temos um museu Leonel Trindade, num amanhã, que será um amanhã próximo, temos de ter um Centro Interpretativo das Linhas de Torres, um

Centro Interpretativo do Castro do Zambujal, temos de ter um Centro de Artes do Carnaval, temos de ter não sei o quê e mais não sei quantos, de forma que haja aqui um bolo ... Eu não vou fugir aos programas culturais, antes pelo contrário, tenho muito gosto em falar nisso. Dentro desta linha de servir quem cá está mas também encontrar resposta para quem cá chega há cinco anos nós inaugurámos a galeria municipal nos Paços do Concelho. Ao dia de hoje, cinco anos depois temos três galerias. E três galerias sempre com exposições diferentes 365 dias por ano e procurando públicos diferentes. O que se pretende é que tenhamos mais gente a frequentar a coisa. Uns vão para uma, outros vão para outra, mas todos podem ver tudo.

Entrevistador – Em termos de residentes é óbvio que é uma mais valia mas, em termos de turistas... vêm de fora à procura destes espaços?

Dr. Carlos Miguel – Eu tenho um vício... – este é bom, tenho outros que são maus – nós nos Paços do Concelho temos logo à entrada de quem lá chega, tem um livro de visitas que está sempre aberto e tem uma lapiseira para escrever. São inúmeros os testemunhos de visitantes estrangeiros e que se dá ao trabalho de escrever, desenhar ...

Entrevistador – É sinal que gostou...

Dr. Carlos Miguel – Existe e é normal... nós fazemos sempre muita divulgação dessas actividades junto das unidades hoteleiras. Por isso, à partida, quem chega ao Hotel Império ou ao Campo Real, dependendo da política deles, ou na recepção ou nos quartos tem o “Fixe” com a actividade cultural toda da cidade. Em paralelo com isto, não somos indiferentes a toda uma oferta cultural que parte também das associações. Temos a Transforma, a Cooperativa de Comunicação e Cultura, etc... e agora temos uma iniciativa de grande sucesso que é o do recriar diversos espaços com decoradores, arquitectos. Ou seja, estes diversos pólos, estas diversas ofertas, complementam-se e o que se pretende é o de criar nichos, é potencializar diversos nichos de mercado. Mas estamos a falar num segmento, ou seja, nós através da programação cultural, do Teatro-Cine que é uma âncora importante e que tem uma programação anual, nós conseguimos ter uma oferta – é óbvio que nem toda a gente concorda com a oferta que é feita – mas aquilo que se pretende é ter uma oferta diversificada no sentido de responder aos diversos públicos. Temos gente avaliada e responsável à frente de cada um dos sectores e cabe a eles essa programação. A actividade do Teatro-Cine é uma actividade semanal, todas as semanas há qualquer coisa e com uma programação mais ao menos ao semestre. E há casos em que organizadas pelo Teatro-Cine, elas pouco acontecem no Teatro-Cine. Aproveitam espaços exteriores de forma a captar públicos para dentro do próprio Teatro. Se virmos uma agenda cultural que a Câmara emite todos os meses, nós encontramos todos os meses N ofertas. Isto é importante para quem cá está mas também é importante para quem cá vem e, como eu estava a dizer há bocado, os homens do Campo Real, pedem-nos muito este tipo de oferta, este tipo de lazer.

Entrevistador – Em termos desportivos: no concelho de Torres há diversos eventos desportivos. Estou-me a lembrar do Ocean Spirit, que trás, ou tem o objectivo de trazer muita gente. Há preocupação de à semelhança do programa cultural, seguir um programa

desportivo que atraia pessoas à prática desportiva, não só para residentes mas também para gente de fora?

Dr. Carlos Miguel – O OceanSpirit.... ... falamos do OceanSpirit, até para voltarmos um pouco atrás...

Entrevistador – Falei do Ocean Spirit como exemplo...

Dr. Carlos Miguel – Sim, sim. Mas para podermos lá chegar. Tem a ver com a animação, com a animação de verão e com a Onda de Verão e com a animação de Santa Cruz. Há poucos anos a esta data, quatro anos atrás, nós tínhamos uma animação de verão que se focalizava muito, ou que tinha uma expressão pública, de notoriedade centrada em concertos que se faziam nomeadamente no Campo de Tiro da Física em que vinham cá uma série de personalidades e em que se gastava uma série de dinheiro, digamos assim. Nós há uns anos a esta parte e coincidiu com o nascimento do OceanSpirit efectivamente quisémos ... e fizémos, alterar esse espírito de animação. Isto também teve a ver com as obras de requalificação de Santa Cruz. E todo aquele espaço que foi retirado aos carros e devolvido às pessoas, aos peões. E aquilo que se pretendeu e pretende de uma forma assumida foi, e é, ter animações de rua que causassem surpresa a quem aparecesse e fosse agradável, que respondesse, novamente a nichos de público, a nichos de interesse... para miúdos ... animação teatral, animação musical volante ... que fosse entretendo as pessoas e que fossem vistas com um sorriso de surpresa e de reconhecimento, abdicando, esquecendo os grandes concertos, com muita gente, com gente que vem cá e vai logo embora. Ao mesmo tempo, e dentro desta filosofia também quisémos e queremos potenciar, nomeadamente Santa Cruz para os desportos de mar. Porque tem potencialidades, porque tem muitos quilómetros de costa e porque queremos ter na vida urbana, que o desporto se integre na urbanidade da praia. E digo-te que fazemos esforço para que isto aconteça em Santa Cruz. É dentro desta filosofia que aparece a proposta do Ocean Spirit que caiu como como peixe na água. É isto mesmo que a gente quer, vamos embora para isto. E para isso, delocalizámos aquilo que era o investimento em concertos muito para animação de rua e também para o Ocean Spirit. Fizémos e continuamos a fazer questão, que o Ocean Spirit, desde que seja tecnicamente possível, se desenvolva naquele sítio de forma a que haja uma maior urbanidade. Também sabemos que tem alguns inconvenientes, nomeadamente ruído. Mas entendemos que é importante num núcleo urbano como Santa Cruz termos aquela vivência da pessoas irem e virem a pé, jantarem, andarem 1km e terem aquela animação. Desde que agente consiga, é muito importante. Era muito mais fácil para nós e para a organização do Ocean Spirit fazer aquele evento por exemplo em Santa Rita. Agora também sabemos que fazendo-o em Santa Rita, quem lá vão são pessoas que se deslocam de carro. Ou então com uma rede de transportes públicos dura a carregar pessoas para trás e para a frente. Por isso, é neste espírito que aparece o Ocean Spirit e por isso muito do espírito de termos uma animação muito saudável, muito natural em que as coisas vão acontecendo e vão-nos surpreendendo sem ser, digamos, impostas. Este ano, a condição dos técnicos que organizaram a Onda de Verão é “não quero palcos”. Não quero estruturas rígidas, fixas as coisas devem fluir. É assim que aparece o Ocean Spirit enquanto grande evento. Agora, a nosa actividade, ou melhor, o nosso apoio à actividade desportiva ela passa por alguns eventos com alguma notoriedade.

O Ocean Spirit vais para o 3º ano de experiência e é um evento que se tendo realizado dois, hoje já é uma marca a nível nacional e internacional e devêmo-nos orgulhar disso. Embora nós torrienses, temos muito mais desenvolvido o nosso espírito de crítica que o nosso espírito de orgulho. Não é uma característica torriense, é nacional, e que aqui se revela de uma forma exponencial. Ou seja, devemos ver os defeitos mas devemos potenciar as suas virtudes. Aliás, eu pessoalmente, tenho bastantes receios com o Ocean Spirit 2009. Eu dou sempre o benefício da dúvida e depois estamos cá para falar. Como eu estava a dizer, o Ocean Spirit aparece como o grande evento de desportos de ondas. Uma filosofia que é inovadora em termos internacionais, não ninguém que faça uma coisa destas no mundo. Para quem vai à praia não sabe bem o que vai haver hoje, tudo depende das condições do mar. Há aqui um efeito novidade muito bom e (ênfase) um ambiente muito saudável entre todos, tanto aqueles que participam como aqueles que vêem. E neste ambiente, a noite no Ocean Spirit apareceu para animar esta grande família. E isto tem de ser equilibrado. E eu tenho receio que haja alguma tentativa ou que haja a possibilidade de inverter as coisas, ou seja, que os desportos de ondas sirvam para animar a noite. Para justificar a noite.

Entrevistador – Passar o essencial para secundário...

Dr. Carlos Miguel – Isso nós não queremos. É perfeitamente legítimo que alguém o queira. Nós Câmara Municipal não seremos parceiros nesse evento. Nós somos parceiros no Ocean Spirit enquanto desportos de ondas que tem uma animação nocturna mais assim, mais assado, que tem sido excelente. Nós não nos interessa ter um grande festival de música nocturno, que de manhã até tem umas animações no mar. A organização do Ocean Spirit merece-me todo o respeito. Fizeram do nada, uma coisa que toda a gente fala e que todos estão de olhos abertos para o Ocean Spirit. E por isso estamos cá para falar. Se este receio que eu tenho se concretizar, concretiza-se e depois vamos falar. Agora o Ocean Spirit é um festival de ondas e vai ter que se manter como festival de ondas. Isto com a Câmara como parceiro. Se deixar de ser assim, se calhar a Câmara deixa de ser parceiro. Mas como eu dizia, ... isto é importante para a notoriedade da cidade, do concelho neste caso, para a notoriedade de Santa Cruz. E Santa Cruz, dos nossos 20km de costa é aquilo que nós devemos vender para o exterior. É aí que está a massificação de pessoas. Não nos interessa estar a massificar a Praia Azul. Santa Cruz é para mais gente, temos outras praias que são para menos gente. São eventos como ... como ... o Grande Prémio Joaquim Agostinho, desportivo, que nos projecta enquanto cidade e que perpetua a memória de alguém que é muito importante para nós torrienses mas também para a panorama desportivo nacional e internacional. Como foi e é muito importante o Cross de atletismo dos Matos Velhos. Estou a dizer foi e é, porque efectivamente há dois anos a esta parte mudámos a filosofia que foi investir alguns milhares de euros em convites a atletas que vêem cá correr. E por isso, deixámos de ter uma notoriedade que tínhamos para termos uma notoriedade menos mas manteve-se na sua filosofia. Está no espaço nobre da cidade que é, dito por quem nos visita, o melhor espaço para aquele efeito que existe em Portugal. O organização é o que era e tem o mesmo investimento. Mas entendemos que gastar 90% do orçamento em prémios de presença ... estava mal. Mais importante que isto tudo é a actividade diária. Nós temos tido sempre uma filosofia de não nos querermos substituir às associações e por isso há um apoio muito constante às associações. Só nos substituímos a elas quando elas não estão, digamos, no terreno. E um apoio que tem a ver com a melhoria

das infra-estruturas desportivas. Vislumbra-se na política de instalação dos relvados sintéticos e na construção de polidesportivos cobertos. E por outro lado nos apoios à própria formação de atletas. O número de atletas federados tem vindo a crescer significativamente nos últimos anos. Tem a ver não só com esta ajuda económica mas também com a melhoria das condições do equipamento que cativam mais praticantes.

Entrevistador – Sim, jogar futebol no relvado cativa bem mais que num pelado. Só mais um caso específico, as ciclovias. Há a ciclovia que foi inaugurada há pouco tempo. Mas na imprensa já anunciaram o que também está previsto no PDM, as ciclovias ao longo do percurso dos rios Sizandro e Alcabrichel. Este projecto vai para a frente?

Dr. Carlos Miguel – Vai para a frente. Está em fase mais avançada a do Sizandro. São ciclovias com um carácter mais ecológico, não tem pavimentação, aproveitam as margens do rio. É um projecto que já tínhamos há algum tempo. Houve a possibilidade de ele ser desenvolvido com uma parceria privada, com os investidores que iam para a Praia Azul, Sizandro Resort. Eles propuseram fazer essa ciclovia. Como nós sabemos, embora não tendo desistido, esse empreendimento está em stand-by. E por isso avançamos nós. E estamos em condições para ainda este ano, ainda este verão, ela poder ser aberta à utilização dos torreenses e outros.

Entrevistador – Há pouco disse que onde os privados puderem chegar, a Câmara não tem necessidade de ir, mas se os privados não chegam a Câmara tem de chegar à frente como pioneira?

Dr. Carlos Miguel – Claro. Quando foi na negociação com os investidores para a Praia Azul, pusémos isso em cima na mesa, assim como a necessidade de ter um polidesportivo coberto em Santa Cruz. Porque faz falta. E por isso esses investidores não foram longe disso. As contrapartidas que eles tinham que dar à Câmara Municipal podiam se materializar nessas obras. A coisa não vingou pelas razões que têm a ver com a crise económica. O pavilhão não vai ser feito já mas não nos sai da mente. A ciclovia... temos condições de avançar, avançamos.

Entrevistador – Vamos avançar. No Plano Estratégico Nacional do Turismo, vem referido, o Golfe, os Resorts Integrados, o Turismo Residencial e o Touring como prioridades de investimento para a zona Oeste. Já falou no Golfe, no Turismo Residencial... identifica-se com estas prioridades para o Polo de Turismo do Oeste? E já agora, existe alguma política conjunta do município com o Polo? Alguma cooperação, ligação?

Dr. Carlos Miguel – Essa ligação existe (pausa prolongada) essa interligação existe, essa ambição existe, sendo certo que cada um de nós tem formas de sentir, de estar no terreno ... diferentes. Uns são mais entusiastas do que os outros. E também não é menos verdade que estas coisas se alteram muito rapidamente. E como eu te estava a dizer há bocado, nós em Torres temos este privilégio de, sendo o turismo muito importante, o turismo não é determinante. Porque somos muito ecléticos. Somos muito versáteis. Temos uma economia no terreno muito fragmentada no bom sentido, muito diversificada. E isso, para nós é uma vantagem. Mas nós temos que jogar aqui com outras cambiantes. E tem a ver

com os investimentos externos. E por isso cada um dos parceiros tem que fazer a sua parte. Mal estará, quando for necessário que seja a Câmara Municipal a investir em hotéis. É possível, mas mal estará quando assim for. Mas cabe à Câmara Municipal cuidar do espaço público. E um espaço público cuidado é um factor de atractividade para as pessoas...

Entrevistador – E para os investidores.

Dr. Carlos Miguel – E para os investidores. Santa Cruz é muito mais atractiva depois das obras de recuperação que se fez, do que era antes. É o que as pessoas todas dizem. Esta é a parte que a Câmara tem que assumir de forma a cativar e de forma a estar ao lado dos parceiros. Mas depois não dominamos todas as outras. Nem dominamos as privadas nem dominamos se calhar as públicas. Eu neste momento estou aqui com um ... eu e o Oeste ... marítimo, com um problema gravíssimo que tem a ver com um planeamento que é o PROT – Plano Regional de Ordenamento do Território, do Oeste e do Vale do Tejo, que o governo quer que seja publicado de imediato, e que à revelia daquilo que tinha sido a participação muito activa de todas as câmaras e os diversos parceiros, aparece agora uma versão da secretaria de estado que põe sérios ... não é sérios entraves, quer dizer, manda por terra, põe sérios entraves a tudo aquilo que seja investimentos turísticos nesta área, nesta zona.

Entrevistador – Vai então tudo contra o que está indicado no PENT?

Dr. Carlos Miguel – Não indo tudo... não indo tudo atrás, como que como é que hei-de dizer numa grande parte tem que se começar tudo de novo ... e noutra parte ... corta mesmo qualquer possibilidade de se fazer. E isto, não sendo só para Torres Vedras, no meu caso, que é o que eu vivo e conheço melhor, é um constrangimento do arco da velha. Só para que a gente perceba do que estamos a falar: por exemplo, o POOC determina que não seja feita qualquer tipo de construção que não equipamento a 500 metros da costa. Nós abstractamente até podemos estar de acordo. Para isto não se tornar um Algarve é capaz de ser válido ... como princípio. Então e as pré-existências? Como é que a gente faz? Mandamo-las abaixo? Esperamos que elas caiam? E os investidores que já estão a trabalhar em situações destas há uma série de anos com as Câmaras e com os (????)? O que é que se faz? Por exemplo e já falámos nisso: GolfMar. O Golf Mar está menos de 500 metros da costa. Está em cima da costa (risos). O que é que os homens do Golf Mar querem fazer? Querem mandar abaixo o hotel velho, mais a sul, transformar aquele espaço em jardim e, onde é o estacionamento, encostado ao bloco do lado norte, fazer um imóvel para congressos, uma sala de congressos. E pretende também passar de nove para 18 buracos. Alguns dos buracos serão sobre a arriba, um ou dois buracos. Esta regra dos 500 metros pura e simplesmente manda abaixo isto. Isto quer dizer que aquela situação, e só estou a pegar neste exemplo, é uma situação que vai morrer. E aquilo que foi um trabalho do investidor, mais a Câmara Municipal, mais organismos de estado, que se desenrola no mínimo dos mínimos há seis anos, para se fazer um plano de pormenor que tem de ter estas entidades todas de acordo, é para amuchucar e mandar para o lixo.

Entrevistador – Uma perda de tempo...

Dr. Carlos Miguel – E agora eu pergunto: O país vai ganhar com isto? Não estamos a falar numa construção nova, estamos a falar na qualificação, na melhoria de uma coisa que já existe e que é boa. Espero na segunda-feira sensibilizar o secretário de estado mas, para além disto, isto é um exemplo concreto, mas para além disso, obriga a que todos os PDM's, todas as Câmaras venham a, digamos, localizar, nos seus territórios Áreas de Desenvolvimento Turístico. E todas aquelas que existem são deitadas por água abaixo.

Entrevistador – Existem uma série delas no PDM.

Dr. Carlos Miguel – No nosso caso há umas 18 áreas turísticas, algumas com PP's – Planos de Pormenor – a correr, vão morrer (ênfase)!! Morrem todos. Então o que é que acontece? Temos de começar todas de novo. Já disse ao sr. Secretário de estado: tenho a certeza absoluta que no Oeste, nos próximos 10 anos não vai haver um cêntimo de investimento em hotelaria. É um facto. E por isso, há aqui mecanismos que se sobrepõem à nossa vontade, às nossas intenções, por inércia ou inactividade dos operadores, mas também por imposições estatais desligadas, feitas no conforto dos gabinetes, sem qualquer ligação à realidade prática, sem ter em conta esforços já feitos e investimentos em curso, que destroem (pausa) ...

Entrevistador – Mas qual é o objectivo desta legislação?

Dr. Carlos Miguel – É ordenar o território (ironia). É salvaguardar. E tudo isto é legítimo, mas há que preservar e garantir aquilo que está em curso. E não é só isso. Torres Vedras tem um investidor que pretende fazer uma unidade hoteleira, dois picadeiros para competições e umas vivendas ... aqui no interior de Torres Vedras. Através de uma regra que existe no PDM que é uma regra de excepção. O PROT vai mandar abaixo a regra de excepção, e não permite que aquilo seja feito porque a decisão de fazer plano de pormenor foi tornada pública foi posterior à data que eles pretendem. E isto tem uma consequência diabólica. Estas vontades e estas necessidades são legítimas, são reais, têm que ser encaradas com as reservas, que podem vir e vêm sempre, de factores externos, falta de actividade ou outras de actividade a mais, como também de factores internos, autarquia ou o próprio governo que entretanto mudou de posição.

Entrevistador – Isto tem a ver com a relação do Município com o exterior. E cá dentro com a hotelaria e outros operadores, existe uma boa relação?

Dr. Carlos Miguel – É uma boa relação. E como estava a dizer há bocado, aquilo que mais nos exigem, que mais nos solicitam, são os programas de animação. É o podermos oferecer programas específicos para este ou aquele público. E nisso há uma boa colaboração. Ainda recentemente esteve aqui um grupo grande de médicos no Campo Real em que a animação daquele grupo foi toda feita pela Câmara Municipal. Há uma grande ligação e uma grande reciprocidade ecolaboramos a esse nível. E continuamos a desenvolver: ainda na revista Sábado de ontem, é um pormenor giro, tem duas páginas com projectos inovadores das Câmaras Municipais. O primeiro projecto que aparece é o projecto que apresentámos agora o dos MP3 ...

Entrevistador – O Walking Poetry?

Dr. Carlos Miguel – Sim, como um dos projectos mais giros e inovadores, de excelência. São pequenas actividades que mostram que a Câmara Municipal está atenta, mostra que está em ligação com os parceiros e que procura obter respostas no fundo, para clientelas, que são da cidade, mas também vocacionadas para estarem em hotéis. Por isso, o hotel em si, tem obrigação e tem essa facilidade de poder oferecer.

Entrevistador – Existe alguma ferramenta de conciliação e comunicação rápida para estes programas todos. O próprio hotel tem facilidade em ter conhecimento, ou aceder a esta informação de forma a comunicá-la aos seus clientes?

Dr. Carlos Miguel – Tem. Nós publicamos mensalmente uma revista da Câmara Municipal que é “Um Concelho” e integrada nessa revista vem uma separata que é o “Fixe” que é uma agenda cultural e desportiva de tudo aquilo que se passa no concelho. Muito centrada na oferta camarária mas também tem a oferta associativa. Todos os meses há dezenas ou centenas, a gente emite 20000 coisas daquelas por mês. Por isso quem chega a uma unidade hoteleira ou residencial, tem a revista ou a separata.

Entrevistador Serra – Para terminar, porque o tempo está a acabar. Parque Aventura. Vem a propósito de quê e para quê?

Dr. Carlos Miguel – O Parque Aventura insere-se nesta política de equipamentos culturais, desportivos, lúdicos, equipamentos que respondam a nichos de mercado. Que respondam a determinados sectores da população que procura, neste caso concreto, uma actividade ao ar livre, radical, e também procura a surpresa, procura o desafio. E é dentro deste campo que o Parque Aventura aparece. Aparece também potenciando umas instalações que são da Câmara Municipal e que têm estado desaproveitadas, conhecidas como o Karting da Física. Aparece também com as potencialidades ambientais que aquele espaço tem. E aparece para criar uma oferta diferente num espaço que é essencialmente um espaço de praia. Na certeza de que, toda a gente que vai para Santa Cruz, no seio de uma família, há gente que não gosta só de praia. Por isso é para criar ali uma oferta diversificada. Esta infra-estrutura, com um posicionamento em termos de oferta na área do desporto na natureza, com serviços direccionados para crianças, jovens e adultos, na área do lazer e da formação, constitui um importante instrumento para o desenvolvimento do desporto, do turismo e economia local. E é assim que aparece o Parque Aventura, respondendo a esse desafio, mas também oferecendo um serviço de restauração num espaço privilegiado e que hoje não é oferecido. E isso é potenciando as instalações já existentes, mas também procurando que essa gente possa encontrar ali um sítio de estadia. E daí que se pretenda dotar o parque de pequenos bungalows que possam levar a que as pessoas estejam lá mais do que umas horas e que possam levar a vivências de grupo, também importantes naquela situação. É um projecto que ao dia de hoje já devia estar ao serviço da população. Temos tido dificuldades em termos da entrega do projecto final. Ao dia de hoje ainda nos faltam os projectos das especialidades. Como quase todos os projectos eles vão crescendo e vão engordando. E vão engordando em tamanho e em custos. É o caso. De qualquer das formas, mesmo com

estas gorduras todas ... são gorduras que não são supérfluas, são boas gorduras, digamos assim ... (risos) ... O projecto não está em causa pelo valor expectável. Estas demoras tem a ver com a questão técnica de nos ser entregue, de forma a lançarmos concurso. Tinha todo o gosto que ele tivesse sido este ano, que estivesse pronto. Não está. Esperemos que no próximo verão ele esteja ao serviço das pessoas. É ... é ...

Entrevistador – É certo que avança.

Dr. Carlos Miguel – É certo e não é desgarrado. Nós temos uma ciclovía em Santa Cruz que passa junto a este espaço, que é uma ciclovía muito vivida. De certeza absoluta a mais vivida que temos no concelho. Nós temos percursos pedonais por todo o concelho e um deles está em Santa Cruz. Ou seja, temos uma série de ofertas para este desporto ao ar livre em que o Parque Aventura também se insere. E por isso será como que a cereja em cima de um bolo.

Entrevistador – A referência âncora de uma filosofia.

Dr. Carlos Miguel – Sem dúvida.

Entrevistador – Muito obrigado pela sua disponibilidade.

Transcrição da entrevista ao Dr. Francisco Rodrigues

Vice-Presidente do Académico de Torres Vedras

Proprietário da “Livro do Dia, Lda”

24 de Setembro 2009, 12h

Livro do Dia, Torres Vedras

Entrevistador – O ATV tem vindo a dinamizar eventos e outras iniciativas dentro do âmbito dos desportos na natureza, que caracterizam o turismo activo (pedestrianismo, orientação, montanhismo, escalada, BTT). O que eu te pergunto é: a escolha destas actividades diz respeito a alguma orientação definida anteriormente pela associação, ou foi uma resposta à procura. Como é que surgiram dentro do ATV?

Dr. Francisco Rodrigues – Como orientação estratégica. Portanto, dentro de uma área de desporto e lazer que em determinada altura foi posto à reflexão no seio da associação. É uma das quatro áreas – desporto e lazer é uma delas. Dentro do desporto e lazer, quando se criou essa área, criou-se com base numa reflexão e com base em algumas experiências piloto que a associação tinha feito. Dentro da lógica que a associação tem que é, nós estamos muito abertos aos projectos que nos queiram apresentar em áreas que não sejam concorrenciais com aquilo que já se faça noutras associações do concelho, portanto, aos nos ter sido apresentado um projecto, na altura para essa área, nós avançamos, experimentámos. A partir daí, e como num âmbito mais geral a associação promoveu uma reflexão estratégica sobre o seu futuro, considerou-se que uma das áreas seria a do desporto e lazer numa óptica mais de lazer e não só desporto. Foi assim que nasceu esta área. Não teve que ver com uma análise sobre aquilo que poderia ser uma necessidade que estaria a surgir. Foi mais isso sim apostar num tipo de área que futuramente iria ter muita procura e que não havia ninguém a operar. Na altura não havia, há seis, sete anos atrás.

Entrevistador – E agora que essa área já está implementada dentro da rotina da associação, segundo a tua experiência, há uma boa adesão por parte da população de Torres Vedras? E quanto à população residente fora do concelho, visita Torres Vedras por causa destas actividades?

Dr. Francisco Rodrigues – Bom, a maior parte das pessoas são do concelho. Neste momento. Mas desde o início, desde o início, que há pessoas fora do concelho a virem aos passeios (pedestres). Com algum crescimento ligeiro ano após ano. Nada de exponencial. E acontece desde o início. Porque as pessoas procuram na internet passeios pedestres, por exemplo, aparece o ATV logo nas primeiras pesquisas. As pessoas vêm o calendário e aparecem.

Entrevistador – E tens noção se esta procura de fora do concelho tem a ver com a dinâmica do ATV ou tem a ver com as pessoas procurarem a região para realizar uma actividade qualquer?

Dr. Francisco Rodrigues – As pessoas procuram a região para fazer a sua actividade e a partir daí chegam ao ATV. Não penso que tenha que ver com uma palavra que se tenha espalhado sobre a qualidade dos passeios. Se isso acontece, nós não temos essa percepção. Ao nível das pessoas que vêm de fora. Relativamente ao concelho é diferente. Aí já passa um pouco a palavra que a associação tem. Já é o ATV que tem...

Entrevistador – Este tipo de actividades pode ser uma componente da oferta turística local. Faz parte de um atractivo turístico que Torres Vedras pode ter. O ATV tem sido chamado a desempenhar um papel determinante nessa área quer em termos de planificação quer em termos de dinamização.

Dr. Francisco Rodrigues – No ponto de vista da planificação, fazemos escola, porque não há propriamente uma experiência de planificação anterior à nossa. Mesmo a própria autarquia, ao nível dos passeios, acaba por começar a planificar com as associações que entretanto existem no terreno a fazer isto, à posteriori. Nós já tínhamos um plano próprio. O ATV foi pioneiro em termos de planificação e dinamização.

Entrevistador – Agora já apareceram outro tipo de ofertas. Falando mais no global, o concelho de Torres Vedras está bem servido neste tipo de animação? Há espaço para desenvolver mais?

Dr. Francisco Rodrigues – Eu penso que se quisermos manter e crescer, melhorar em termos de qualidade... não penso que o espaço para fazer o mesmo tipo de coisas seja muito grande. Há certamente espaço para fazer coisas diferentes. Dentro da mesma área mas diferentes. Fazer esta linha que neste momento existe penso que ainda não há um mercado que permita um crescimento em termos de oferta a disponibilizar assim tão vasto.

Entrevistador – Mesmo conseguindo atrair mais gente de fora?

Dr. Francisco Rodrigues – Como eu estava a dizer, crescer em termos do número de pessoas a aderir a isto, eventualmente sim. Eu diria que, se continuássemos com as taxas de crescimento existentes até agora, se calhar daqui a dois anos, estaríamos com a necessidade certamente de haver mais oferta. Sejam estas organizações ou outras.

Entrevistador – Comparando com os concelhos vizinhos, Torres Vedras destaca-se neste tipo de oferta?

Dr. Francisco Rodrigues – Bom... com a maior parte dos concelhos destaca-se. E mesmo concelhos que até fazem mais, sim, acho que Torres Vedras ombreia bem com quem faça mais e se calhar até tem um ligeiro destaque. Mesmo com concelhos que até já faziam antes. Mafra já tinha uma promoção de base pública e depois tinha também algumas empresas que operavam no concelho. Mas sinceramente o que me parece é que do ponto de vista do enraizamento da oferta, a solução de Torres Vedras é melhor. Não parte da oferta pública, e também não parte de uma oferta privada desenraizada. São ofertas associativas, que também poderiam ser empresariais. O facto de não serem empresariais, quanto aos passeios pedestres que estamos a falar, acho que acaba por ser mais sustentável, e permitir uma progressão ao longo do tempo mais fácil do que se estivéssemos a falar de um modelo privado. Acho que no futuro, isto criará espaço para a aparecimento de outro tipo de solução. Não um negócio que tenha por base os passeios pedestres, mas que possa

ter como complemento. Mas terá que ter qualquer coisa de diferente. Se for só uma coisa de passeio pedestre com este tipo de características que estes passeios têm, não faz sentido, nem é viável.

Entrevistador – Na tua opinião, quais são os recursos ou potencialidades que Torres Vedras tem e que pode desenvolver? O que mais se destaca?

Dr. Francisco Rodrigues – Provavelmente aquele que se destaca mais é a linha de costa. Toda a nossa orla costeira é extensa, comparativamente aos outros concelhos. Com muita potencialidade pelas características que tem, de ter exploração nesta área do lazer e desporto. Não dentro daquelas áreas mais comuns do turismo. Portanto não ligado ao turismo de conforto ligado ao estar (sol e mar). Agora ligado a um turismo activo, a um turismo ecológico, aí parece-me que a potencialidade do concelho ao nível da linha de costa é muito grande e ainda muito inexplorado. Se alargar-mos o que estou a dizer aos mercados internacionais, deve estar para aí em zero vírgula qualquer coisa de exploração. Portanto, acho que aqui há muito potencial para aproveitar. Relativamente à parte mais interior do concelho, também acho que há potencial nomeadamente nas freguesias interiores, as ditas freguesias ditas até mais desfavorecidas. Eu acho que têm aí um potencial relativamente ao seu património natural para aproveitar. Seja ao nível do património natural seja ao nível do património edificado. Nomeadamente no que tem a ver com a transformação do património natural pelo Homem, acho que há, até por causa da vinha, características muito interessantes para poder explorar. Até porque a esse nível, o concelho do ponto de vista qualitativo está muito atrás de alguns vizinhos, relativamente a esses recursos como as quintas ligadas aos vinhos. E quem diz vinhos diz outras produções de turismo activo como espaços onde se possam realizar actividades de aventura ou de outdoor. Isso é algo que no concelho está completamente por explorar ainda. E tem muitas potencialidades.

Entrevistador – Destacas então toda a linha de costa com potencial para desenvolvimento de diversas actividades e o interior do concelho em termos de actividades mais culturais ligadas à agricultura...

Dr. Francisco Rodrigues – E depois há uma situação mais particular. Penso que a cidade com os planos existentes relativos à zona do centro histórico e do futuro parque verde do Choupal, ganha condições para ter uma fruição desportiva ligada ao lazer com impacto potencial ao nível do turismo. Porque a partir do momento em que o centro histórico possa ter uma força de atracção, então todo esse espaço passa a ser propício para que as pessoas não venham só conhecer alguma coisa do património mas que possam usufruir de outro tipo de presença, de actividade e ficar mais um bocado a fazer um passeio diferente ou utilizar uma bicicleta para se deslocar entre diferentes pontos próximos. Portanto, preencher as duas vertentes ligadas ao turismo...

Entrevistador – Por si só, achas que o centro histórico da cidade não é um factor autónomo de atracção?

Dr. Francisco Rodrigues – Não. Não.

Entrevistador – Relativamente às estratégias nacionais, Torres Vedras está inserido no Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste, cujos produtos turísticos prioritários identificados

para esta zona são o Golfe, os Resorts, o Turismo Residencial e o Touring. Identificas Torres Vedras com estas prioridades?

Dr. Francisco Rodrigues – Não, nada (ênfase)!!

Entrevistador – O que é que te choca mais?

Dr. Francisco Rodrigues – Tudo (risos). Chocam-me todas. Não digo que não possam ter o seu lugar. Agora, não é isso que está aí escrito. Como prioridades, não concordo. Acho que é mais do mesmo, relativamente àquilo que já existe em muitos outros sítios. É muito intensivo, no ponto de vista de exploração... e de investimento. E tenho muitas dúvidas quanto à sustentabilidade. Imensas. A começar nas ambientais que muita gente gosta de falar mas como é verde, muitos acham que está bem. Embora a Região Oeste seja muito boa no ponto de vista de existência de água, acho que não a devíamos desperdiçar aí. Ainda mais porque eu acho difícil competir nesses mercados com o Algarve, por exemplo. E portanto, entrar numa competição directa... A minha lógica é outra. A minha lógica é que o concelho deve procurar espaços vazios e não entrar numa concorrência com ideias feitas, com aquilo que já existe. O concelho deve procurar idiossincrasias, tem que procurar aquilo que não exista. Deve procurar espaços vazios onde não haja concorrência.

Entrevistador – Estás a falar num tipo de turismo alternativo?

Dr. Francisco Rodrigues – Completamente alternativo. E se possível, ao criá-lo dentro destas áreas (turismo activo) que por si só são áreas mais alternativas, ao criá-lo não pode ser mais uma área alternativa igual às outras áreas alternativas. Tem que conseguir inovar. Não no sentido de juntar uma série de coisas e juntá-las mas tem que conseguir algures fazer um click para uma coisa que é completamente diferente. Permite experiências completamente diferentes. E só assim é que poderia responder à pergunta, dizendo que me identificava com isso. De outra forma acho que é mais do mesmo.

Entrevistador – A relação entre a Câmara Municipal e as associações tem sido saudável no desenvolvimento deste tipo de actividades? Podia ser feita alguma coisa mais?

Dr. Francisco Rodrigues – Pode sempre ser feito mais. A relação é saudável mas pode ser feito mais. A principal coisa neste momento, se olharmos para o desporto e lazer, enquanto património imaterial relacionado com o turismo, tenho de reformular um pouco a questão que colocas. Não se trata somente de a Câmara articular ou apoiar... não tem que ver com isso. Tem a ver com a Câmara não estabelecer uma estratégia clara que permitam que os agentes possam correr atrás dela. É um problema comum a várias áreas, mas acho que no turismo isto é mais saliente por uma razão: para além de não haver uma estratégia clara também não é de todo evidente que haja uma estratégia não clara. Ao contrário de outras áreas, em que se percebe que implicitamente está presente. No turismo, eu diria que nos últimos seis meses começo a ver alguns sinais que implicitamente exista qualquer referência. Mas isso não é suficientemente claro. Depois, não há de todo os instrumentos suficientes no terreno que pudessem facilitar e potenciar as ofertas que depois as empresas ou associações pudessem vir a desenvolver. Por exemplo, nós não temos uma coisa que acho que seria básico, enquanto instrumento que possa solucionar isto, que é um grande portal para fora do país, relativamente às potencialidades que se querem promover. Evidentemente que, se nós não soubermos o que queremos promover, não definindo as

prioridades a esse nível, não se sabe o que se vai lá meter, e um amontado de fotografias e listagens não vão chamar ninguém. Agora, partindo de uma definição inicial, acho que é possível chegarmos aí. E acho que tudo tem que estar interligado. Não acho que o desporto e lazer ligado ao turismo possa estar despegado de uma estratégia global de promoção do próprio concelho. Portanto, em primeiro lugar há que ser muito claro nesta definição. Parece-me que implicitamente começa a haver sinais disso. Mas nunca ninguém assumiu isso.

Entrevistador – Um documento formal?

Dr. Francisco Rodrigues – Um documento formal, sim. Que deveria ter alguma discussão fechada. Eu não acredito muito nos modelos completamente abertos. Isto relativamente ao que poderia ser essa estratégia. E guiada, fechada e guiada. E estruturada. Na minha opinião, tudo deveria, e isto é uma opinião muito reflectiva e pessoal portanto discutível, a identidade deveria girar à volta das Linhas de Torres. E portanto, a partir daí poderia se construir tudo o resto, inclusive a ligação que depois se faria com o desporto e lazer. Evidentemente que haverá imensas coisas que não terão a ver com as Linhas de Torres, mas deveria estar presente que existe esse património imaterial, também algum material, que deveria ser capitalizado também ao nível do desporto aventura. Já há alguns exemplos disso, de coisas que são feitas assim, só que desgarradas.

Entrevistador – Ou seja, há pouco falaste na linha de costa e no interior como potencialidades a desenvolver. Pode-se acrescentar então as Linhas de Torres como recurso transversal?

Dr. Francisco Rodrigues – Há pouco não falei nisso como recurso porque estava a ver isso mais como a imagem de marca, como a identidade, como tema aglutinador. Mas sim, acaba por ser um recurso.

Entrevistador – Então a marca de Torres Vedras, a identidade a promover giraria à volta das Linhas de Torres.

Dr. Francisco Rodrigues – Exactamente.

Transcrição da entrevista ao Dr. Gonçalo Alves
Administrador do Hotel Império (Torres Vedras)
Gerente do Empreendimento Turístico Areias do Seixo (Santa Cruz)

Praticante de surf

Membro da Associação *Ocean Spirit*

28 de Setembro de 2009 – 19h

Hotel Império – Torres Vedras

Entrevistador – Enquanto destino turístico, como se pode definir Torres Vedras quanto ao seu posicionamento?

Dr. Gonçalo Alves – Está mal posicionado. Acho que tem algum turismo cultural, com potencial de desenvolvimento. Refiro-me, dentro da cidade, à zona histórica e, claro, às Linhas de Torres. E penso que isto está muito mal explorado. É verdade que a cidade teve outro crescimento diferente de Óbidos, que sempre viveu muito dentro daquela pérola cultural que têm, enquanto Torres Vedras ganhou uma dimensão industrial, a cidade cresceu para fora. Ou seja, teve outro nível económico por essa via, mas em contrapartida menosprezou a mais valia turística que poderia retirar das zonas históricas e também das Linhas de Torres.

Entrevistador – Já que falas nas Linhas, achas que as Linhas de Torres tinham capacidade para se tornarem na imagem de marca do turismo de Torres Vedras?

Dr. Gonçalo Alves – É assim... o turismo funciona sempre um pouco num conceito de *clusters*, ou seja, há sempre uma junção de serviços turísticos, de soluções de alojamento, restauração... uma combinação de oferta planeada. Daí os espanhóis serem o destino turístico número dois a nível mundial por que fazem isto muito bem. De forma concertada, juntam serviços, hotelaria, restauração, cultura, diversão, parques temáticos. Em todas as zonas o turismo espanhol tem muita força, foi por esta junção global. Aquilo deve ter uma dinâmica público-privada. Ou seja, deve ter muito investimento público e muito privado. É óbvio que também tem alguns fenómenos de crescimento anárquico, principalmente na zona sul. Por isso, diria que, se calhar, ter as Linhas de Torres como frente de imagem pode ser uma solução. Obviamente teria que ser acompanhada por outro tipo de oferta, outro tipo de conceito que façam as pessoas vir à região. Como por exemplo, o vinho, a zona histórica, as actividades desportivas de mar com eventos como o *Ocean Spirit*, o hipismo. Pronto, no fundo isto tudo interligado pode ser gerador de uma dinâmica positiva. Quanto às Linhas de Torres, temos à partida dois segmentos fortes de turismo de entrada no nosso país, que estão interessados nessa matéria: os ingleses e os franceses. Mais os ingleses... São o maior *income* turístico do país e da região. Portanto, pode-se tirar partido disto.

Entrevistador – E achas que este recurso tem sido mal explorado?

Dr. Gonçalo Alves – Muito mal. E   como te digo. Isto tem a ver com o investimento público-privado. Ou seja, por exemplo como a zona histórica, que estão a tentar criar uma dinâmica, mas que tem que ser acompanhada pelos privados. Portanto, se eles querem realmente recuperar, com transformação de arruamentos, d o condições para haver investimento privado naquelas zonas. Agora falta o investimento privado. Tem que haver um restaurante chave, uma pousada, tem que haver outras coisas. Tem que haver uma junção de oferta que faça ficar quem l  vai. Torres Vedras neste momento não tem esta complementaridade. E posso falar por experiência própria de negócio, porque... o turismo que nos calha   do turismo *corporate*, portanto, vêem a Torres Vedras exactamente devido ao crescimento que Torres Vedras teve na área industrial e comercial. Portanto, esse tipo de hóspede não vem fazer turismo de lazer. Ou seja, não gasta mais do que o necessário.

PAUSA NA ENTREVISTA – Entrevistado atende um telefonema.

Dr. Gonçalo Alves – Naturalmente, o Turismo de Portugal investe onde acha que há mais contrapartida da imagem turística do país. E daí que normalmente, os apoios ou os financiamentos do Turismo de Portugal v o nessa direcção. O que   emblemático    bidos, portanto os apoios v o para  bidos. Por exemplo, o *Ocean Spirit* não foi apoiado pelo Turismo de Portugal. No entanto, a etapa que vem agora em Outubro para Peniche, que é uma Meca do *surf* nacional e internacional, já foi apoiada. Em termos de impacto nacional, o *Ocean Spirit* será maior.

Entrevistador – Já que falaste no Turismo de Portugal, o PENT refere como produtos prioritários para o Oeste, o golfe, o turismo residencial, *resorts*, e o *o touring* cultural e paisagístico. Estás de acordo com estas prioridades?

Dr. Gonçalo Alves – (risos).. É curioso perguntares isso... eu pedi financiamento para estas obras com base também nesse *Touring Cultural* e Paisagístico. Porque, o hotel está posicionado numa zona histórica, tem vistas privilegiadas sobre a zona histórica... e não tenho dúvida nenhuma: se este hotel estivesse na mesma posição mas em  bidos, eles aprovavam logo. Mas como   em Torres Vedras, a interpretação deles é que não está incluído no *Touring Cultural* e Paisagístico. E portanto, o apoio não foi beneficiado. Portanto, tenho muitas d vidas nessa prioridade.

Entrevistador – E o golfe?

Dr. Gonçalo Alves –   assim... isso é mais do mesmo. O golfe para mim,   uma solução barata e fácil de resolver... E isto é assim, porque quem manda joga golfe. Não vale a pena estarmos a ser demasiado utópicos nessas matérias. O mercado nórdico que   o mercado mais do golfe, e se queremos puxar essas pessoas para aqui, temos de ter os campos de golfe, mas também temos de ter outras soluções. Porque o golfe por si só não chega. E também já me tenho apercebido de uma situação. Na Alemanha e na Holanda, muitos campos de golfe estão perto da falência. Porquê? Porque o golfe por si só não   rentável. Eles gastam imenso dinheiro em paisagismo e na manutenção, rega, cortar a relva. Por isso normalmente estão integrados em *resorts* integrados com golfe, em que há parte residencial e a parte turística, etc. É a parte residencial e a parte imobiliária que de alguma forma fazem estes projectos terem alguma fôrça. O que acontece é que não   só isso que faz uma região turística forte. E portanto, eu acho que deve-se dar valor a outras soluções turísticas de

forma articulada. Acho que explorar aquilo que nós temos de recursos na nossa região é fundamental. E há duas coisas que nós temos, a terra e o mar. Na terra, temos tradições, temos a vinha, temos a agricultura... No mar temos actividades desportivas... Temos recursos naturais, a fauna marítima... tudo isso é muito forte. É um bocado contemplativo, muitas coisas, outras são actividades desportivas. Mas há um mercado por explorar... o chamado turismo de natureza.

Entrevistador – Mas para isso é necessária alguma animação turística...

Dr. Gonçalo Alves – E estão a surgir algumas coisas. Tenho ouvido falar de alguns projectos.

Entrevistador - De iniciativa privada ou pública?

Dr. Gonçalo Alves - Alguma privada, mas sobretudo pública e também de associações.

Entrevistador – Tens facilidade em arranjar programas de animação para responder aos teus clientes?

Dr. Gonçalo Alves – Não, não tenho. Agora neste investimento que estamos a fazer em Santa Cruz, mais virado para o turismo de lazer, nós é que estamos a preparar tudo. Digamos que a parte de animação turística é gerada por nós próprios, com apoio de algumas entidades em determinadas áreas. Nós estamos a preparar uma agenda semanal e mensal daquilo que nós achamos mais interessante para as pessoas fazerem, e que se identifique com o tipo de mercado. Há uma carência brutal... por exemplo a agenda cultural da Câmara Municipal de Torres Vedras não está escrita em Inglês. É uma falha gritante. Deveria estar obviamente em bilingüe, no mínimo. Eles devem reconhecer a breve trecho que não podem deixar de fazer isso.

Entrevistador – Relativamente à relação de cooperação entre a hotelaria do concelho de Torres Vedras, que opinião tens?

Dr. Gonçalo Alves – Eu diria que na restauração há. Há alguns eventos resultado dessa cooperação. Em hotelaria há muito pouca cooperação. Para não dizer nada. É assim, há mercados muito distintos. O *Westin* é um cinco estrelas, anda noutro campeonato. Pode haver alguma interferência em termos de mercado mas pouco. Há agora um projecto de parceria, vamos ver... nós damos a localização central, eles dão o golfe. Mas depois o que há? Há pensões e temos o GolfMar. Claramente é um hotel enorme eu está obsoleto. Tem algumas remodelações, mas que enfim... sem um investimento de fundo é muito difícil dar volta aquela unidade hoteleira, para fazer captação a sério de turismo. Eles têm alturas boas no ano e têm feito alguns esforços no segmento *corporate* e têm boas condições de espaço para isso.

Entrevistador – E relativamente à Câmara Municipal de Torres Vedras?

Dr. Gonçalo Alves – A relação sempre foi positiva. Obviamente que Torres Vedras não vive para o turismo como por exemplo Óbidos vive. A Câmara Municipal está longe de fazer tanto pelo turismo e por isso, muito mais poderia ser feito. A relação é boa. Até a dinâmica cultural da cidade é agora completamente diferente. Os eventos desportivos do concelho ganharam outras dimensões. Isto tudo faz aumentar o turismo... o Carnaval de

Torres Vedras. Mas de facto, eu diria que há muito mais a fazer. Provavelmente tem a ver com esse fenómeno de cooperação que o turismo, se calhar, deveria ter aqui. Não sei e poderia haver uma forma associativa do turismo aqui para o concelho. A Região de Turismo do Oeste está a atravessar uma série de concelhos, e que está ser reformulada... mas não sei se o próprio concelho em si não deveria ter uma dinâmica própria. Nomeadamente naquilo que estavas a falar, a cooperação dos vários interesses, dos vários intervenientes.

Entrevistador – Passando para uma área de que gostas muito, o *surf* e os restantes desportos de ondas, pensas que Santa Cruz tem potencial para se projectar mais como destino de *surf*?

Dr. Gonçalo Alves – Do ponto de vista turístico, eu diria que em termos de referência de ondas, a Ericeira e Peniche são referências enormes em termos de chamativo internacional. Os surfistas vêm em busca daquela onda específica. Mas de facto, é assim, o *surf* é uma modalidade desportiva com um grau de dificuldade elevado na sua iniciação. Porque a interacção com o mar gera logo um meio adverso para o Homem. O mar é um meio diferente e mutante. As ondas que são referenciadas em Peniche e na Ericeira são ondas difíceis, com um certo grau de exigência. Não são indicadas para aprendizes que vão lá e não conseguem. Não são o melhor local para fazerem a sua aprendizagem. Embora Peniche tenha muitas diversidades de praias. Mas Santa Cruz também tem. A maior parte das praias da Ericeira são de pedra. Um iniciante não deve ir para lá. E a maior parte dos praticantes de *surf* que andam por aí são iniciantes. Para eles as praias de areia são muito melhores. O concelho de Torres tem uma extensão de areal muito grande. O potencial de alojamento é escasso. O crescimento de *surcamps* era absolutamente necessário. Até era uma coisa que eu não me importava de investir no futuro. Mas ainda está um bocado carente de uma legislação própria porque não se sabe que tipo de alojamento é hoje em dia: campos de férias, unidades hoteleiras, alojamento local...

Entrevistador – Então para o desenvolvimento desta área era importante haver mais alojamento?

Dr. Gonçalo Alves – E enquadramento...

Entrevistador – Em termos de promoção, o *Ocean Spirit* tem cumprido os seus objectivos?

Dr. Gonçalo Alves – Tem. Deu um salto em frente no último ano. Na minha opinião, e tenho feito disso o meu cavalo de batalha nessa matéria junto da Câmara Municipal e da organização, é absolutamente essencial.... é obvio que o *Ocean Spirit* quer dinamizar todas as modalidades desportivas de mar, mas vamos ser concretos, o *surf* é a actividade que gera mais movimento de pessoas, de interesses comerciais, no mundo dos desportos de mar. E portanto, era absolutamente crucial trazer uma etapa do mundial, que na minha opinião devia coincidir com o *Ocean Spirit*. Era mais um passo em frente na dinâmica desportiva que se quer criar. Porque já se percebeu, que também há interesses comerciais no evento, para os parceiros, para os investidores, que hajam contrapartidas fortes. Têm conseguido isso através de uma parte nocturna que tem de ser dinamizada. Mas, penso que ninguém quer fugir às actividades de mar. Dar enfoque às actividades de mar. E trazer uma etapa do

campeonato do mundo, do *qualifying*, era muito bom para o evento e para o desenvolvimento do concelho enquanto local para a prática dos desportos de ondas.

Entrevistador – Existe um projecto para a zona de Santa Cruz, o Parque Aventura, com diversas actividades não ligadas ao mar. Achas uma boa iniciativa ou é fora da realidade?

Dr. Gonçalo Alves – Acho muito interessante. Trabalhando com a hotelaria... dando animação... Aliás, se Santa Cruz está nessa direcção, do *Ocean Spirit*, desse tipo de eventos, a captação terá de ser num mercado de pessoas activas, desportivas, dinâmicas.... faz todo o sentido que haja outro tipo de alternativas ao desportos de mar. Lá está, temos beleza natural, temos o mar e a terra. Não são poucas as vezes em que me foi referenciado a beleza paisagística do caminho da auto-estrada (A8). É fantástico. Isso muitas vezes passamos ao lado porque lidamos todos os dias com isso.

Transcrição da entrevista ao Mestre Rodrigo Ramalho

Chefe de Divisão de Acção Social e Saúde (Desporto, Educação, Juventude e Assuntos Sociais)

19 de Junho de 2009 – 15h

Câmara Municipal de Torres Vedras

Entrevistador – Rodrigo, primeiro diz-me qual é a tua função aqui na Câmara?

Mestre Rodrigo Ramalho – Chefe de Divisão de Acção Social e Saúde. Em termos teóricos implica Educação, Desporto, Assuntos Sociais e Juventude. Embora na prática eu só esteja a trabalhar com Educação e Desporto.

Entrevistador – Atendendo ao crescimento ultimamente da prática desportiva informal, nas últimas décadas, Torres Vedras também tem tido uma acção premente nesse fenómeno. Mas podemos-nos referir a Torres Vedras como uma referência nessa promoção? É reconhecida fora do concelho como uma inovadora e promotora deste tipo de acções?

Mestre Rodrigo Ramalho – Não sei. Essa pergunta deve ser feita a quem está lá fora. Quem está no projecto tem alguma dificuldade em avaliar isso. Agora, a Câmara Municipal tem feito alguns passos para que isso possa ser assim. Agora, se já é reconhecida lá fora como uma entidade de desporto informal... quer dizer... depende dos públicos.

Entrevistador – Perguntando de outra forma, quais são as valências, os recursos de Torres Vedras para promover o desporto informal, ou seja, que tipo de actividades se fazem que podem cativar mais as pessoas?

Mestre Rodrigo Ramalho – Antes das actividades, os recursos naturais que temos. É um primeiro passo para podermos dizer que se tem uma aposta sustentada nas actividades informais. E nomeadamente as de contacto com a natureza. Temos o mar, temos a praia, temos a serra, temos muitos espaços verdes, temos algum espaço de floresta que permite uma série de actividades relacionadas com esse tipo de modalidades. O que é que tem sido feito para que se possa dizer que é um espaço de referência? Temos apoiado os desportos de mar (de ondas), que parece que é um ponto importante. Apesar de nós estarmos aqui um pouco entalados entre a Ericeira e Peniche que em termos mais propriamente do surf que é a modalidade que nasceu primeiro, são uma referência porque tem melhores condições de mar que Santa Cruz. Nós estamos aqui no meio mas temos feito alguma coisa nesse sentido, basta ir a Santa Cruz, quase durante todo o ano para ver o número de pessoas que estão no mar. Há uns anos não se via isso. Criou-se e está a ser aumentada uma rede de percursos pedestres que me parece também importante. Já se criaram duas ciclovias e foi inaugurada agora a semana passada uma ecopista, que me parece importante.

Entrevistador – Acerca dos percursos pedestres, sei que querem implementar um em cada freguesia...

Mestre Rodrigo Ramalho – Sim, sim. No dia 12 de Julho vai ser inaugurado mais uma, na freguesia da Freiria. Estamos a terminar o levantamento das freguesias de Carmões, Carvoeira e Maxial. Eventualmente ainda este ano isso vai ser feito. E estamos em mãos com um projecto muito interessante relacionado com o Bicentenário das Invasões Francesas, que é a criação de uma Grande Rota incluindo todos os Municípios que têm fortificações das Linhas de Torres, da primeira e da segunda linha. O que vai articular entre vários Municípios e esse percurso passará por muitas das fortificações. Não por todas porque seria impossível e nem desejável porque às tantas era um zigue-zague... mas que vai ser um roteiro que pode ter valor em termos turísticos conjugando a componente cultural com a componente desportiva, uma actividade informal como o pedestrianismo.

Entrevistador – Já agora falando em pedestrianismo, saiu na comunicação social o projecto de um percurso pedestre que liga Peniche – Lourinhã – Santa Cruz.

Mestre Rodrigo Ramalho – Exactamente. Isso é verdade. São vários municípios que estão envolvidos nisso, nomeadamente aqueles que disseste. Salvo erro será a Rota do Atlântico. Nós temos um percurso já montado desde Porto Novo até à Praia Azul e vamos aproveitar esse traçado e vamos fazer a continuação desse traçado, da Praia Azul até ao limite do concelho na Assenta. Falando nas ciclovias e na Ecopista acho que é importante referir as actividades de BTT porque acho que o BTT é um fenómeno aqui no concelho. É impressionante... basta pegar no carro e dar uma volta ao Sábado ou ao Domingo de manhã e perceber a quantidade de grupos que andam na estrada e mais nos caminhos. É um fenómeno interessantíssimo aqui no concelho.

Entrevistador – Há a noção que isso se passa mais aqui que noutros concelhos?

Mestre Rodrigo Ramalho – Não há essa noção. O nosso concelho sempre teve um grande relacionamento com as duas rodas. Temos alguma tradição a esse nível. E havia muita tradição no cicloturismo que está completamente a desviar para a BTT. Até porque é mais versátil e atrai praticantes mais jovens. Na inauguração da Ecopista, com uma publicidade que não foi nada do outro mundo, tivemos duzentas pessoas. É muito fácil e isso não é nosso valor... há tanta gente a fazer isto... E têm uma forma de contacto entre eles muito célere: mais, blogues, há muitos blogues de BTT. É muito fácil divulgar actividades de BTT porque eles muito facilmente passam a mensagem.

Há uma coisa que eu também gostaria muito de falar que é a infra-estrutura Parque Verde da Várzea. Na minha opinião pessoal e estou a ser muito sincero até porque eu quase não tive a ver com a concepção do parque. Aliás, eu discordei com uma coisa que lá está: o polidesportivo. Achei que era uma instalação demasiado formal para aquele espaço. O Parque Verde veio revolucionar os hábitos de vida dos torrienses. Acho que se vê no Parque Verde imensa gente que não andava, que não corria, que não vinha para a rua, que não fazia qualquer tipo de actividade física. Depois as actividades que nós temos realizado na área do desporto informal, do Ponha-se a Mexer. Todos os anos durante três meses... começamos só na cidade no primeiro ano e tivemos cerca de cinco mil participações. Foi de facto um sucesso... chegamos a ter aulas com mais de 100 pessoas, foi muito giro.

Entrevistador – Muita mulher...

Mestre Rodrigo Ramalho – Muita mulher, e isso se não for assim, as mulheres dificilmente fazem actividade física, como tu sabes. Estamos agora a estender a muitas freguesias onde nalgumas replicamos o modelo das aulas de grupo e em todas fazemos percursos pedestres. Fazemos caminhadas.

Entrevistador – E é uma actividade regular?

Mestre Rodrigo Ramalho – É regular nesta época do ano. Isto no fundo o que pretende ser, é aproveitar uma época em que as pessoas se sentem mais predispostas a fazer actividade física devido ao clima e devido a terem que perder alguns quilinhos para irem para a praia. Chamar atenção para a prática da actividade física e ver se conseguimos conquistar praticantes para se inscreverem numa actividade qualquer. Temos consciência que não é suficiente mas é uma forma de as cativar.

Entrevistador – Ia agora falar no problema da sazonalidade em termos turísticos. Principalmente na costa litoral a sazonalidade é intensa. Estes programas de animação existem durante o ano de modo a poderem também servir os turistas? Por exemplo os passeios de BTT.

Mestre Rodrigo Ramalho – A Câmara organiza alguns passeios de BTT e apoia imensos. A Câmara não pretende estatizar a prática desportiva, ser a organizadora de tudo. Antes pelo contrário, isso mataria a prática desportiva. A Câmara apóia N associações que têm a prática de BTT. Até há uma que só tem BTT (MalandrosBTT). A Câmara também tem em mãos um projecto que é o Parque Aventura. Um dos seus principais objectivos é combater a sazonalidade em Santa Cruz. É um projecto em que nós acreditamos que vai trazer muita gente em época baixa, vai ocupar as pessoas que lá estão em época alta e trazer novas pessoas na época baixa para Santa Cruz. É um projecto que está muito virado para o exterior, ou seja, não está fechado nas suas quatro paredes, mas que pretende aproveitar o mar, arribas, a praia e tudo o que o circunda, circuitos de BTT, passeios a cavalo, tudo e mais alguma coisa. Em termos de actividades, o BTT faz-se durante todo o ano, aliás um dos grandes passeios organizados pela Câmara é nas Festas da Cidade em Novembro em que temos 300 ou mais participantes. E associa muito a prática da actividade física com alguma promoção cultural e gastronômica (enóloga) com visitas a produtores de vinho e/ou adegas cooperativas, onde se faz a prova de vinhos, etc.

Entrevistador – Em termos desportivos, um evento mediático é o Concurso de Saltos do Vimeiro que tem tido uma projecção muito forte tal qual como o golfe. O golfe está mencionado como um dos produtos turísticos centrais do Oeste. O hipismo aqui no concelho está muito ligado aos complexos de golfe. Qual é a tua opinião nesta promoção do golfe e também do hipismo?

Mestre Rodrigo Ramalho – O golfe é um produto importantíssimo. É um produto que não sobrevive isoladamente. Visto que temos outros campos de golfe no Oeste, é importante que o concelho também tenha essa oferta para se fazer os tais circuitos, triângulos. É um desporto que tem como praticantes um segmento muito importante, porque são pessoas com capacidade aquisitiva e que procuram o turismo de qualidade e que podem acrescentar alguma coisa ao turismo que nós temos. É uma área que o município não tem investido muito por si só porque geralmente os operadores turísticos o fazem. Nós neste momento

em Torres Vedras temos dois campos, um campo e meio. Um campo no Westin muito elogiado e um campo de nove buracos no Vimeiro com projecto para passar a 18 buracos. E é também uma forma de combater a sazonalidade porque quem vem jogar golfe não vem necessariamente no Verão. Antes pelo contrário, vem procurar algum sossego, alguma calma. E depois visita outros equipamentos concelho que poderão usufruir da presença desses turistas. Em termos de hipismo, é um produto também interessante para uma elite. Não é um turismo massificado como é está muito associado ao Hotel GolfMar e ao trabalho que eles têm feito desde há alguns anos nos concursos hípicas. Sei que o Westin também tem alguma oferta porque tem um protocolo com uma escola de hipismo. Mas também sinceramente não te sei dizer que saída tem tido. Mas pronto, são duas áreas que não há grande intervenção municipal porque os operadores se encarregam de desenvolver até porque ela não terá propriamente a função de desenvolver ou de investir directamente nesse turismo de nicho de mercado. Deve sim apoiar os operadores para que o possam fazer por si.

Entrevistador – Relativamente a eventos que promovam o desporto informal. Vamos ter agora outra vez o Ocean Spirit....

Mestre Rodrigo Ramalho – Que é O Evento!

Entrevistador – Sim. Existem outros mas este têm maiores dimensões. Está a cumprir os objectivos traçados pela Câmara e pela Associação promotora?

Mestre Rodrigo Ramalho – É preciso é ter vento durante o Ocean Spirit. O Ocean Spirit nasceu... o presidente viu num jornal a notícia de um Campeonato do Mundo de Surf em Espinho. Telefonou-me e disse “Quero uma coisa destas!”. E eu telefonei ao Bruno Melo e a partir daí nasceu a ideia de um evento diferente associado ao Campeonato do Mundo de Kitesurf, etc. Santa Cruz tem algumas dificuldades em se afirmar como destino de surf de excelência. É um destino de surf, vê-se, mas de excelência não sei se será por causa dos Supertubos e Ribeira D’Ilhas. Eles têm melhor mar que nós para isso. Mas nós temos o vento que quase ninguém tem. O Kitesurf é uma modalidade extremamente espectacular e nós temos as condições para o kitesurf. Portanto, o objectivo primeiro do Ocean Spirit é começar a caracterizar Santa Cruz como um destino de eleição para o Kitesurf. Foi assim que começou. É muito marcado: turismo – venham para cá fazer Kitesurf que todo o ano nós temos condições para isso. É claro que aquilo evolui com uma personalidade própria do evento que vai criando e fugindo quase às nossas mãos. Eu acho que está a cumprir perfeitamente o seu papel. Curiosamente, nos dois anos que houve o Ocean Spirit, houve vento todo o ano menos nos dias em que se realizou o evento. Só para mostrar quem manda... (risos). Já havia o Downwind de Peniche para Santa Cruz, organizado pelas mesmas pessoas e que criou um pouco este movimento. Portanto eu acho que está a cumprir a sua função. Está a dar a conhecer Santa Cruz como se calhar em termos de desportos de ondas nunca tinha sido conhecida. À noite o festival de música também está a ter proporções enormes. Aqui a única questão que deve ser pensada é a data do evento. Marcado para a época alta, este evento vai trazer ainda mais gente para Santa Cruz criando até alguns problemas de concentração de pessoas. Contudo a Câmara não é a única organizadora, funciona como parceira, e a sustentabilidade financeira do evento para a organização é factor preponderante como é óbvio. Se fosse realizado numa época menos alta, traria talvez mais benefícios directos à hotelaria, restauração, etc. Contudo, de forma

indirecta, em termos do conhecimento de Santa Cruz e da promoção do nome de Santa Cruz, que é um factor que não se consegue medir, mas que trás gente noutra altura do ano. Há um filme que era interessante veres, um filme feito no Ocean Spirit, que circulou por dezenas de países naqueles canais temáticos, sobre Santa Cruz como destino turístico, que não se consegue medir o retorno disso. Mas que há retorno, há.

Entrevistador – Existe alguma relação entre a Câmara e as empresas de animação turística que actuam no concelho?

Mestre Rodrigo Ramalho – Que nós tenhamos conhecimento, não existem muitas empresas de animação turística a actuar no nosso concelho, pelo menos nessa área. Portanto não existindo muitas empresas também não existem muitas relações. Existem relações com o tecido associativo. Nós apoiamos dezenas de clubes, muitos deles que fazem actividades que se podem enquadrar dentro desta área. Já trabalhamos com empresas nalgumas actividades que nós fizemos. Agora, não se pode dizer que existem empresas de animação turística a trabalhar em Torres com uma presença forte e muito notada.

Entrevistador – Então as associações têm cumprido esse papel de dinamizadoras?

Mestre Rodrigo Ramalho Sim. É importante referir que a Câmara tem privilegiado sempre os contactos com o tecido associativo. No caso dos percursos pedestres há duas associações que trabalham nesta área que implementam e dinamizam os percursos. Para a Câmara seria talvez mais caro mas mais rápido chegar ao pé de uma empresa e dizer assim: Queremos vinte percursos pedestres e façam assim e assado e façam a coisa como deve ser, apresentem o orçamento e nós pagamos. Preferimos trabalhar com algum amadorismo mas com pessoas que têm conhecimento, mas com associações do concelho que trabalham de uma forma desinteressada em termos financeiros e que só beneficia as próprias associações. Obviamente é um investimento que nós temos na associação que depois reverte a favor dos munícipes. É um duplo benefício, vá lá.

Entrevistador – Muito obrigado pela tua disponibilidade.

Transcrição da entrevista ao Sr. Sérgio Simões

Gerente do Hotel Santa Cruz – Santa Cruz

15 de Março de 2009

Hotel Santa Cruz

Entrevistador – Tendo em conta que Santa Cruz é um destino turístico, como é que podemos caracterizar esse destino turístico?

Sr. Sérgio Simões – O mercado?

Entrevistador – Sim, o mercado. Quem é que procura Santa Cruz e porquê?

Sr. Sérgio Simões – Essencialmente é o turismo de lazer... lazer e negócios. Agora houve uma quebra porque houve muitas firmas que deixaram de vir... porque a crise está realmente implantada mas, trabalhei muito bem, nomeadamente o ano passado, com firmas...

Entrevistador – Reuniões?

Sr. Sérgio Simões – Não. Andam na zona e dormem aqui. E depois é o turismo de lazer. Essencialmente o fim de semana e Verão. Nota-se um decréscimo significativo no mercado nacional, em contrapartida há um aumento do mercado internacional.

Entrevistador – E isso mais ou menos em percentagens?

Sr. Sérgio Simões – Em termos percentuais, isto inverteu-se um bocadinho. Antigamente representava 80% o mercado nacional e 20% o internacional. Agora estamos a rondar os 60% / 40%. Isto também se deve a algumas novas tecnologias que foram implantadas que são realmente mais valias que são nomeadamente as centrais de reserva. Posso dizer que as agências de viagem trabalham muito pouco comigo e por isso o presente é realmente as tais reservas online. Tem uma série de vantagens porque nós conseguimos gerir aquilo ao dia, ao minuto. Portanto em função da oferta e da procura nós é que vamos actualizando os preços. Se houver casa vazia nós baixamos o preço e vice versa... no próprio minuto, a próxima pessoa que entrar já paga o novo preço. Isso é realmente o presente. As agências de viagens neste momento, em Santa Cruz, estão paradas. Há uma série de desvantagens. Eu acho que as agências de viagem têm que repensar a sua forma de actuação. Isto porquê? Eu passo a justificar. Enquanto que... nós fazemos o contrato anualmente vendo as diversas épocas. Portanto, quando se quer fazer uma campanha fora desse contrato, ela tem de ser planeada com um ou dois meses de antecedência para eles depois fazerem a respectiva promoção. Portanto, o mercado está muito oscilante e é difícil prever o que é que se vai passar daqui a um mês. Esse é um contra que eles têm em termos de funcionamento. O outro contra é que o acordo diz que pagam a 60 dias e depois não é 60 e temos que andar atrás para nos pagarem. Nas centrais de reservas, pagam-nos ao balcão.

Entrevistador – Chega e paga.

Sr. Sérgio Simões – Claro. Depois nós pagamos 15%. A outra desvantagem das agências relativamente às centrais de reservas é que têm encargos muito pesados. Têm as suas lojas, têm de pagar a água, a luz, o pessoal... e estou convencido que as centrais de reservas devem ter duas ou três pessoas, um sistema inteligente e é suficiente para gerir isto.

Entrevistador – Sem dúvida. Quanto à sazonalidade aqui em Santa Cruz, é muito acentuada?

Sr. Sérgio Simões – É, muito. Tem vindo a esbater-se ao longo dos anos. Eu estou cá desde 89 e tínhamos aqui cinco meses muito maus: o Outubro, o Novembro, o Dezembro, o Janeiro e o Fevereiro... eram cinco meses maus, tirando o Carnaval.

Entrevistador – E a passagem de ano?

Sr. Sérgio Simões – A passagem de ano também, claro. Actualmente, o mercado aumentou substancialmente de Verão. Em contrapartida, relativamente ao antigamente, o Verão era dois meses, dois meses e meio, e agora é um mês, um mês e uma semana. Em termos globais, o Verão diminuiu, mas em contrapartida o Inverno aumentou e veio colmatar essa diminuição.

Entrevistador – E acessos à região? Estamos bem servidos?

Sr. Sérgio Simões – Actualmente, eles estão a fazer finalmente um investimento bom e estão a alcatroar o acesso de Torres até aqui. Há um grande senão para Santa Cruz e deixo aqui este alerta: quem vem na A8, por exemplo do Norte, nunca vê uma placa de Santa Cruz. Mesmo entrando em Torres, só vê uma placa de Santa Cruz quando chega ao Choupal. Um placa pequenina. Portanto, isto é uma lacuna muito grande. O que eu quero dizer é que só vem para Santa Cruz quem conhece Santa Cruz. Os outros, ou têm paciência para andar a perguntar como é que se chega cá, ou não vem. Portanto isto é uma falha que é facilmente colmatável e é uma pena isto estar realmente assim.

Entrevistador – Pois, quem é de cá, não nota que não há sinalização..

Sr. Sérgio Simões – Vens na A8, não tens sinalética nenhuma, e mesmo em Torres só há uma indicação no Choupal. Não há mais indicação nenhuma.

Entrevistador – Em termos de recursos turísticos aqui em Santa Cruz. Temos o Sol, temos o Mar... há mais alguma coisa para oferecer?

Sr. Sérgio Simões – Actualmente já temos três escolas de surf. Uma delas mais antiga e duas mais recentes. Eu penso que isso é um mercado que está realmente em ascensão. Penso que isso será uma mais valia. A malta nova está realmente a aderir no Verão...

Entrevistador – E para o ano inteiro?

Sr. Sérgio Simões – Para o ano inteiro há pouca coisa. A Câmara faz realmente actividades mas só quando as pessoas cá estão que é no Verão.

Entrevistador – Estás a referir-te à Onda de Verão. E no Inverno?

Sr. Sérgio Simões – Nada.

Entrevistador – E era possível fazer alguma coisa?

Sr. Sérgio Simões – Claro que era se houver boa vontade. Inclusive, há teatros que são relativamente baratos e que iriam e podiam fazer alguma animação para atrair pessoas. Essencialmente ao fim de semana.

Entrevistador – E a noite de Santa Cruz?

Sr. Sérgio Simões – O Living está parado. Ou melhor, abriu mas não está a fazer promoção nenhuma. O Faraó está fechado... por isso a noite também caiu.

Entrevistador – E isso influencia aqui no Hotel?

Sr. Sérgio Simões – Muito. Notei uma quebra grande aos fins de semana. As pessoas já não vêm para Santa, ficam em Torres. Por vários factores: se virem dormir aqui, não há animação nocturna, depois têm que arriscar se quiserem beber um copo. Assim preferem não arriscar.

Entrevistador – Existe na Câmara um projecto de um Parque Aventura. Acho que está mais ou menos a par disso. Achas que é bom para enriquecer ou é só mais uma coisa para encher?

Sr. Sérgio Simões – Por aquilo que eu ouvi dizer, vai ser o maior Parque Aventura da Europa. Em princípio foi isso que me contaram. Tenho algumas dúvidas se a Câmara conseguirá arranjar parcerias de forma a poder realizar, esse plano, construir. Tanto quanto eu sei, a Câmara não tem capacidade financeira para assumir esse projecto sozinha. E portanto precisava de parcerias. Essas parcerias, principalmente com a conjuntura actual, não sei se será muito fácil de conseguir. Mas que é uma mais valia, é. Principalmente para a dinamização no Inverno. Sem dúvida nenhuma.

Entrevistador – No PENT ...

Sr. Sérgio Simões – Desculpa. Há uma novidade boa para Santa Cruz que é a entrada no projecto que se chama ECOS. É um projecto ligado a tudo o que é ecológico. A Câmara conseguiu juntar cerca de 10 empresas e vai tentar fazer - não somos pioneiros, em Évora já há um projecto similar - vai tentar fazer Santa Cruz mais ecológica. Desde as casas, a iluminação, os painéis solares, o abastecimento...

Entrevistador – E em termos turísticos o que é que isso influencia?

Sr. Sérgio Simões – Em termos turísticos, o efeito não será de imediato. Será talvez a médio prazo porque, a imagem de Santa Cruz é uma imagem de marca, e é sempre positivo associá-la a um projecto destes.

Entrevistador – Realmente é muito positivo. No PENT, para o Oeste, onde Santa Cruz está inserido, os produtos prioritários são o Golfe, Resorts, turismo residencial e o touring. Achas que Santa Cruz se identifica com estes produtos?

Sr. Sérgio Simões – (pausa) Acho que era importante diversificar. Mas, aqui não temos golfe... qual era a outra?

Entrevistador – Resorts.

Sr. Sérgio Simões – Resorts também não. Turismo residencial temos e muito. É o que eu costumo chamar de concorrência desleal. São as pessoas que alugam as casas de Verão e não pagam impostos.

Entrevistador – Sim, há muito. Não é a Nazaré mas quase... Mas quando me referi a Santa Cruz estou a incluir a zona até à Praia Azul e Porto Novo. Temos nesta zona um golfe de nove buracos e um resort que poderia ter vindo mas não vem, pelo menos por enquanto. Seria benéfico apostar no golfe e a vinda de um resort, ou já é a mais?

Sr. Sérgio Simões – Isto é um pai que funciona um pouco por ondas. Agora está na onda de as pessoas apostarem nos resorts e nomeadamente no golfe. Penso que é um tipo de mercado específico. Não é um mercado global. O cliente de golfe é um cliente já com um determinado nível. Para um determinado segmento de mercado é realmente importante. Em termos globais, não será assim tão importante. Até porque, cada vez mais é importante preservarmos a água potável que temos, e realmente as pessoas muitas vezes não falam nisto, e eu acho que era realmente importante começarmos a meditar se será uma mais valia ou prejudicial a abertura de tantos campos.

Entrevistador – Pelo menos tantos. Em relação à cooperação entre a hotelaria e a Câmara Municipal... existe algum tipo de cooperação, alguma estratégia?

Sr. Sérgio Simões - Até agora tenho tido boas relações com a Câmara Municipal de Torres Vedras. Sempre que me enviam clientes, tenho sempre a referência de ter preços especiais para eles. Quando é necessário, cedo o espaço gratuitamente para reuniões, portanto, eu penso que as coisas devem ser feitas assim. A nível do meus colegas hoteleiros, não há muita cooperação.

Entrevistador – Entre hoteleiros?

Sr. Sérgio Simões – Sim. Eu tive agora uma reunião lá na Região de Turismo do Oeste, e há realmente um projecto muito engraçado para fazer esta ligação entre os hoteleiros todos. Se isso for para a frente, e não é fácil implantá-lo, porque as pessoas julgam, têm a mania que os segredos é que são a alma do negócio. Penso que não, que a globalização também tem de chegar às unidades hoteleiras e a informação tem de ser partilhada entre todos: todos ganhamos com isso.

Entrevistador – E em termos de relação entre hotelaria e empresas de animação turística? Tens dificuldade em arranjar programas para os clientes?

Sr. Sérgio Simões – Tenho alguma dificuldade. Mas tenho contactos com algumas firmas, com algumas pessoas amigas, música ao vivo, o paintball, passeios de BTT. Já existe aí na zona algumas firmas a trabalhar.

Entrevistador – E é fácil reservar?

Sr. Sérgio Simões – Tem sido mais ou menos. Ainda ontem tenho um exemplo que contraria o que acabei de dizer. Tenho um grupo que vem aí no próximo fim de semana e queriam fazer paintball no sábado e a firma tem um evento nesse dia e já não pode. Têm de fazer no Domingo de manhã.

Entrevistador – No futuro...

Sr. Sérgio Simões – Desculpa interromper... em relação à imagem de marca tenho mais um desabafo. Não há nada a fazer, uma situação irreversível. Lamento que a Região de Turismo do Oeste que é uma região idônea com cerca de 20 anos, que demorou muito até se conseguir implantar como imagem de marca, tenha desaparecido porque alguém neste país pensou que a boa promoção é a de Portugal de Norte a Sul, ou seja, tudo é a costa Oeste. Há pessoas que são iluminadas mas isto é uma falta de respeito com a Região de Turismo do Oeste.

Entrevistador – Perde-se a identidade?

Sr. Sérgio Simões – Perde-se um trabalho de 20 anos.

Entrevistador – Abreviando um pouco, o que pensas de um evento como o Ocean Spirit?

Sr. Sérgio Simões – É uma mais valia. Sem dúvida é uma mais valia.

Entrevista ao Dr. António Carneiro

Presidente da Turismo do Oeste

Questões respondidas por correio electrónico a 22 de Junho de 2009

1 – Actualmente podemo-nos referir a Torres Vedras (concelho) como um destino turístico posicionado no mercado?

Penso que não. Trata-se de um Município com algumas localizações no mercado (Campo Real, Vimeiro) e a Praia de Santa Cruz com uma função não rigorosamente turística (2ª habitação).

2 - Tendo em conta as tendências da procura turística (aumento da preferência pelas férias activas e diminuição do sedentarismo; diversificação dos motivos; preferência pelos espaços equilibrados com maior contacto com a natureza; procura de experiências; permanências mais curtas e repetitivas, etc.) quais as potencialidades e recursos que destaca no concelho de Torres Vedras?

4 - Identifica o concelho de Torres Vedras com as prioridades estabelecidas no PENT para o Pólo de Desenv. Turístico do Oeste? (Golfe, Resorts Integrados, Turismo Residencial e Touring)

O Município deve criar condições para que se desenvolva esta oferta. Aí sim, estando próximo de Lisboa, poderá ganhar imagem de destino turístico.

3 - Em termos de animação turística (complementaridade da oferta), o concelho está bem servido?

Razoavelmente. Penso que se está no bom caminho, já que, anualmente, se assiste a um crescendo, em termos de qualidade e quantidade.

5 - Como classifica o grau de cooperação entre o Pólo de Turismo do Oeste com o Municípios e respectivos operadores turísticos?

A colaboração é excelente quer com o executivo Municipal, quer com os agentes do Sector e, também, escolas.

6 - Tendo em conta as tendências atrás referidas, em que produtos / projectos pode Torres Vedras apostar para projectar as suas potencialidades turísticas?

Penso que os eventos, face à sua dimensão (é muito, muito difícil montar eventos que sejam “potencialidades” (não gosto do termo) turísticas). São-no (como afirma na 3.), “complementaridade”, com um enorme papel no aumento do grau de satisfação, logo, hipótese de fidelização. Torres Vedras deve apostar nos “resorts” golfe – Turismo Residencial e no “touring” (aí incluindo outros produtos citados).

7 - Qual deverá ser o papel da Turismo do Oeste e da Câmara Municipal de Torres Vedras no desenvolvimento turístico do concelho?

Estas Entidades têm um papel conjunto, muito intenso: criação de condições para a captação de investimento. Separadamente:

CMTV – melhoria equipamentos e espaços públicos; animação.

Turismo do Oeste – promoção/informação